



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**GÊNERO E SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO DO PEDAGOGO.**

**LARA DAIANA DA SILVA DANTAS**

**BRASÍLIA – DF  
2015**



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

## **GÊNERO E SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO DO PEDAGOGO.**

**LARA DAIANA DA SILVA DANTAS**

Trabalho de conclusão de curso, apresentado como requisito para a obtenção do grau de licenciatura em Pedagogia, submetido à comissão examinadora da Faculdade de Educação – FE da Universidade de Brasília – UnB, sob a orientação da Professora Doutora Otilia Maria Alves da Nóbrega Alberto Dantas.

**BRASÍLIA – DF  
2015**

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

**LARA DAIANA DA SILVA DANTAS**

**GÊNERO E SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO DO PEDAGOGO.**

Monografia submetida como requisito para obtenção do Título de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação - FE, da Universidade de Brasília, em 11/12/2015, apresentada e aprovada pela banca examinadora abaixo assinada:

BANCA EXAMINADORA

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Otília Maria A. N. A. Dantas, UnB/FE**  
Orientadora

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sônia Marise Salles Carvalho, UnB/FE**  
Membro Convidada

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>, Ireuda da Costa Mourão, UnB/FE**  
Membro Convidada

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Renisia Cristina Garcia Filice, UnB/FE**  
Membro Convidada (Suplente)

A Deus que é meu refúgio e fortaleza em todo o tempo. Aos meus Pais, à minha Irmã e ao meu Sobrinho pelo tempo, paciência e esforço dedicados à mim em minha jornada. À minha orientadora Dra. Otília Maria A. N. A. Dantas à qual serei sempre grata por me receber e orientar.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente à minha família que foi a base forte que possibilitou a minha jornada acadêmica. Aos meus pais que são meu exemplo, mostrando-me que com luta e garra é sempre possível alcançar os nossos sonhos. À minha irmã e ao meu sobrinho que com suas histórias de vida reacenderam em mim a chama da docência.

Aos amigos feitos durante esta jornada acadêmica por terem me mostrado realidades e pontos de vistas diferentes dos meus. Agradeço especificamente ao meu amigo Hiago Lins por dividir comigo os seus conhecimentos, suas lutas, as longas jornadas de estudo e principalmente à minha amiga Vanessa Hellen por dividir comigo seu amor pela docência e sua fé nas pessoas.

À Kamila Santana que me apoiou sempre, ajudando a tornar possível o sonho de me graduar. Aos amigos do coração que nada tem a ver com minha graduação, todavia nunca se negaram a ouvir as minhas lamúrias, os meus sonhos e também sempre me auxiliaram no que fosse possível. Sendo assim amigos estes que tem tudo a ver com minha formação. Especialmente aos que tem me acompanhado nesta jornada de conclusão de curso: Évilin Dantas, Tatiana Veloso, Joyce Dantas, Débora Luiza e Matheus Ferreira, ficam para vocês meus sinceros agradecimentos.

À minha orientadora, que me acolheu e dividiu comigo todo o seu conhecimento, que me acalmou e me mostrou que esta jornada de conclusão de curso era possível. Por ter se tornado um dos meus exemplos de docente.

Por fim à Universidade de Brasília que, me possibilitou as mais diversas experiências na área de ensino, pesquisa e extensão, fazendo me crescer, construir-me e reconstruir-me como sujeito e profissional.

**Fazer educação implica uma serie de compromissos, implica em correr riscos se embrenhar em trilhas desconhecidas, conhecer o sucesso e o fracasso. Fazer educação significa educar o homem por inteiro.**

**(Dora Lúcia de Oliveira)**

## RESUMO

O estudo procura responder os seguintes problemas de pesquisa: o formando de Pedagogia se sente preparado para trabalhar gênero e sexualidade no ambiente escolar? O currículo do curso de Pedagogia contempla o tema Gênero e Sexualidade nas diversas disciplinas do curso? O trabalho tem como finalidade compreender o sentido de gênero e sexualidade expressos no Projeto Pedagógico do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília e nos discursos dos formandos de 2015. A metodologia, pautada na pesquisa qualitativa, utilizou-se de entrevistas semi-estruturadas aplicadas a seis graduandos do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília e de análise documental. Utilizou-se para este fim, das ementas das disciplinas que compõem o currículo deste curso. Os fundamentos teóricos foram pautados em Auad (2011), Berutti e Marques (2009), Carvalho (2010), Friederichs (2012), dentre outros. Os resultados e conclusões apontam que por mais que exista um discurso favorável ao ensino desta temática a prática tem sido diferente ou insuficiente levando em consideração a complexidade das temáticas. Este dado foi afirmado pelos discursos dos sujeitos entrevistados que acreditavam que a formação recebida no curso de Pedagogia da UnB não foi suficiente. Levando em consideração o meio social que estamos inseridos, os discursos dos sujeitos entrevistados da instituição de formação, aqui investigado o estudo sugere maior ênfase nas temáticas de gênero e sexualidade e sua importância para formação docente e posteriormente em seu desenvolvimento profissional e sua formação contínua.

Palavras-chave. Gênero. Sexualidade. Educação. Formação docente.

## **ABSTRACT**

The study seeks to answer the following research problems: Does the undergraduate of Pedagogy feel prepared to treat gender and sexuality in the school environment? Does the Education College curriculum include the topic Gender and Sexuality in plenty of subjects of the course? The paper has the purpose to understand the meaning of gender and sexuality expressed in the Pedagogical Project of the Education's College at the University of Brasília and in the undergraduates of 2015 speeches. The methodology, based on qualitative research, has used semi-structured interviews applied to six undergraduate students from the Faculty of Education at the University of Brasilia and document analysis. It was used for this purpose, the menus of the subjects that make up the curriculum of this course. The theoretical foundations were based on Auad (2011), Berutti and Marques (2009), Carvalho (2010), Friederichs (2012), among others. The results and conclusions indicate that while there is a favorable speech to the teaching of thematic, the reality of practice has been different or insufficient given how the complexity of the themes, this finding was affirmed by the speech of the interviewed who did believe that their training it was sufficient as regards the construction of the same. Thus, this paper suggests a reflection on the themes of gender and sexuality and its importance in teacher training and later in pedagogical forming. Given how the social environment that we operate, the speeches of the interviewed ones and the speech of the training institution that were here investigated.

Keywords: Gender. Sexuality. Education. Teacher training



## SUMÁRIO

**RESUMO**

**ABSTRACT**

**APRESENTAÇÃO ..... 09**

**PARTE I: MEMORIAL EDUCATIVO E PERSPECTIVA PROFISSIONAL**

**1. Águas de Março ..... 11**

**PARTE II: MONOGRAFIA GÊNERO E SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO DO PEDAGOGO**

**2. Introdução ..... 19**

**3. Gênero e sexualidade na Formação do pedagogo ..... 22**

3.1. Sobre identidade ..... 22

3.2. Sobre Gênero..... 23

3.3. Sobre Sexualidade ..... 26

3.4. Sobre o Desenvolvimento Profissional..... 30

**4. O Sentido de Gênero e Sexualidade expressos no Projeto Acadêmico do curso de Pedagogia da UnB e nos discursos dos Formandos..... 33**

4.1. O Projeto Acadêmico do Curso..... 33

4.2. Os discursos dos cursistas de Pedagogia ..... 43

**5. CONSIDERAÇÕES FINAIS ..... 53**

**Perspectivas futuras ..... 54**

**REFERÊNCIAS..... 56**

**APÊNDICES: ..... 58**

**APÊNDICE A: QUESTIONÁRIO E TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO. .... 58**

**Anexos: ..... 61**

**Anexo A: Lista de Prováveis Formandos..... 61**

## **APRESENTAÇÃO**

“Gênero e sexualidade na formação do pedagogo” é o tema deste Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia. As vivências proporcionadas no ambiente acadêmico e fora dele, durante o curso proporcionaram-me a (re)construção das temáticas, mas, a dificuldade de aprofundamento que encontrei fez com que me questionasse: o formando de Pedagogia se sente preparado para trabalhar gênero e sexualidade no ambiente escolar? O currículo do curso de Pedagogia contempla o tema Gênero e Sexualidade nas diversas disciplinas do curso?

O trabalho está organizado em duas partes, na primeira parte está o memorial acadêmico, em que conto um pouco da minha história de vida e os acontecimentos que possibilitaram o meu ingresso na universidade e o caminho acadêmico percorrido até este momento. Na segunda parte do trabalho desenvolvo o tema a fim de elucidar os questionamentos supracitados, a partir da reflexão dos discursos dos formandos e do acadêmico.

Para tornar possível o estudo, em um primeiro momento faço um levantamento bibliográfico com o intuito de estruturar os conceitos a fim de viabilizar a análise empírica dos dados, dados estes que foram coletados a partir de entrevistas semi-estruturadas com os formandos sendo, posteriormente, analisada a apreciação do Projeto Acadêmico do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília com o intuito de compreender o sentido de gênero e sexualidade expressos nos discursos por eles apresentados.

Sem me alongar, convido o leitor a embarcar nesta jornada comigo e se aprofundar na pesquisa que teve o intuito de contribuir com esta temática no sentido de discutir as falas que são tidas como “normais” os preconceitos que reiteramos cotidianamente, de forma a pensarmos um fazer pedagógico que contemple toda a diversidade contida em nossa sociedade, de repensar a formação docente quanto aos conceitos para desmistificá-los a partir das reflexões aqui propostas. Então, vamos lá!

PARTE I: MEMORIAL EDUCATIVO E PERSPECTIVA PROFISSIONAL

---

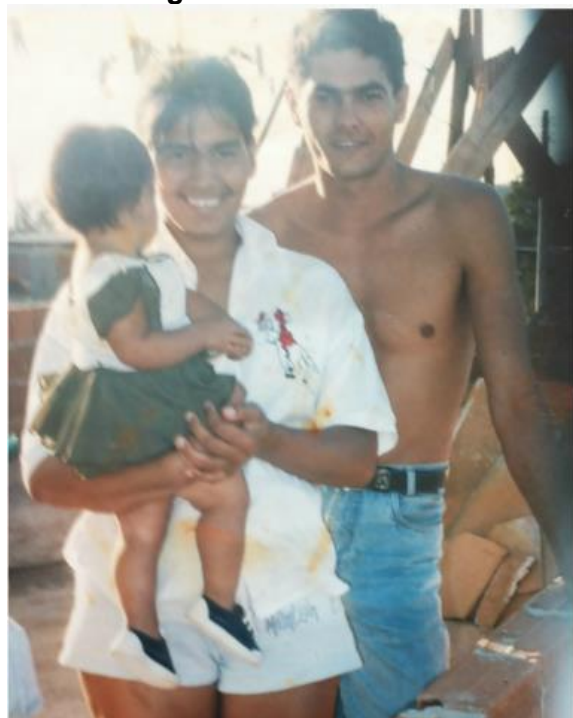


## 1. Águas de Março

*“É pau, é pedra, é o fim do caminho  
É um resto de toco, é um pouco sozinho  
É um caco de vidro, é a vida, é o sol  
É a noite, é a morte, é o laço, é o anzol  
É peroba do campo, o nó da madeira  
Caingá candeia, é o Matita-Pereira”*  
**Tom Jobim**

Em “Águas de março, musica que o poeta e compositor Tom Jobim lindamente escreveu, a água representa, no texto a mudança a renovação. Águas de março, aquelas que marcam o fim do verão o fim de um ciclo trazem consigo o começo de outro e o recomeço para tantas outras histórias. Sendo assim toda história tem início meio e fim. E antes que eu comece a recordar meus primeiros anos de escolarização, preciso falar da primeira instituição em que somos inseridos ao nascer, aquela que é o principio de tudo: a família.

**Figura 1. Minha família**



FONTE: Acervo pessoal

Meu memorial e minha vida não fariam nenhum sentido se não mencionasse minha família (Figura 1). Meu pai nasceu no Piauí e minha mãe em Minas Gerais e as mais diversas circunstâncias proporcionaram esse encontro. Meu pai trabalha com construção civil e minha mãe trabalhou como empregada domestica até boa

parte da minha adolescência. Hoje ela trabalha como cuidadora de idosos. Meus pais sempre me ensinaram que minhas conquistas somente viriam por meio da educação. Minha mãe em especial, sempre exigiu que estudássemos e nos esforçássemos para que tivéssemos um futuro melhor do que o que nos era oferecido.

Ainda preciso abrir um parêntese antes de reviver minha vida escolar para falar de uma família muito importante na minha trajetória. Família essa para qual minha mãe trabalhou durante 10 anos. Eles me apadrinharam educacionalmente me mostraram o prazer da leitura e ajudaram-me quando eu mais precisava na escola. São as pessoas responsáveis pelo meu interesse no universo acadêmico. Eles fizeram toda a diferença no meu histórico escolar principalmente no ensino Fundamental e Médio. E ao final deste, me abriram os olhos para as possibilidades que eu teria.

**Figura 2. Formatura do segundo período**



FONTE: Acervo pessoal

Ingressei na escola aos seis anos. Não tenho muitas lembranças desta época. Contudo, minha mãe conta que fiz o 2º período (Figura 2) em uma escola infantil perto da minha casa onde logo aprendi a ler e a escrever e por isso me pularam de série. A primeira série fiz logo em seguida em uma escola pública de

Sobradinho, a mesma onde fiz a segunda. Troquei de escola para uma particular onde eu era bolsista. Fiz a terceira e a quarta série nesta instituição sem muita turbulência e fui uma aluna aplicada.

Na quinta série voltei a estudar em escola pública. Não me adaptei facilmente. Eram muitos professores e muitas aulas e essa fragmentação de conhecimento era muito estranha à mim, tendo em vista ser diferente da metodologia da escola anterior. Tirando essa dificuldade inicial, até a oitava série tudo transcorreu normalmente. Nunca fui uma aluna excelente, porém até então nunca havia ficado em recuperação. Alguns problemas familiares mudaram essa história e eu acabei repetindo o ano e fazendo a oitava novamente. Nessa fase alguns professores foram muito importantes, considerando que eles me deram todo apoio e foram essenciais para que minha reinserção escolar acontecesse. Confesso que foi um ano árduo, mas tive êxito no final.

Depois dessa fase difícil, compreendi o verdadeiro sentido da escola. Passei a me dedicar muito mais ao meu objetivo, que era ingressar na universidade pública assim que finalizasse o Ensino Médio (Figura 3).

**Figura 3. Meus colegas do Ensino Médio**



FONTE: Acervo pessoal

Cursei o Ensino Médio em outro colégio público ainda na minha cidade, Sobradinho. Meus três últimos anos na escola foram tranquilos, esforcei-me bastante e pude contar com a ajuda e disposição de alguns professores. Durante esse período fizemos grupos de estudos e reuniões, nas quais podíamos estudar e

compartilhar conhecimentos que me proporcionaram uma base firme para fazer o Programa de Avaliação Seriada e o vestibular que eram o meu foco naquele momento.

O processo de escolha de um curso para prestar o vestibular estava batendo a minha porta e eu nunca havia estado tão confusa. Passei então por um processo um pouco diferente da maioria: comecei a tirar da lista os cursos que eu não faria de forma alguma. Dessa forma, permanecendo os que eu me identificava, como vários cursos de licenciatura. Não consegui me interessar só por uma área do conhecimento. Logo acabei tendendo à Pedagogia que englobava um pouco de tudo que eu gostava. E assim acabei fazendo minha escolha, prestei vestibular e entrei na Universidade de Brasília em março de 2011.

**Figura 4. Primeiro semestre no Curso de Pedagogia UnB**



FONTE: Acervo pessoal

No início tive aquela mesma sensação da quinta série - de não adaptação - e essa sensação me dava a impressão que eu não pertencia ao curso de Pedagogia tão pouco à universidade. Mas com o decorrer do primeiro semestre (Figura 4) passei a entender o funcionamento do curso e me sentir pertencente ao mesmo, todavia foi um semestre muito difícil. O Ensino Fundamental e Médio não nos preparam para a universidade, para o formato das aulas, dos trabalhos, e para a autonomia que nos ensinam. Porém a cada vivência e a cada matéria que eu ia cursando, acabava tendo certeza da minha escolha.

Compreender o currículo da Pedagogia não foi tarefa fácil. Como os projetos funcionavam? Que linha metodológica do curso que eu gostaria de seguir também?

Estas perguntas eu não tive resposta no início do curso. No segundo semestre minha rotina mudou ainda mais, pois comecei a trabalhar em uma área que não estava ligada ao meu curso. Precisei sair do fluxo e cursei algumas disciplinas fora do curso de Pedagogia e outras oferecidas em semestres mais á frente.

Neste semestre cursei a disciplina de 'Organização da educação brasileira', com a professora Danielle Xabregas que foi muito importante por dois motivos. O primeiro deles, pelo seminário que ela realiza no qual o meu grupo ficou com o tema 'Educação no campo' e a partir daí surgiram varias indagações sobre o assunto que nos levou a uma pesquisa exploratória na qual conhecemos um assentamento do Movimento dos Sem terra perto de Padre Bernardo- GO. Depois de feita a pesquisa para o seminário, constatamos algumas necessidades da comunidade, tal como: conseguir acessar e compreender programas e politicas governamentais para ajudar na produção agrícola. Retornamos ao assentamento por iniciativa do grupo e desenvolvemos algumas oficinas sobre a produção de projetos, sobre como usar o computador, entre outras.

**FIGURA 5. Escola onde as oficinas aconteciam.**



FONTE: Acervo pessoal

No decorrer de nossas oficinas pude observar como se estabeleciam as relações de gênero dentro do assentamento, e como elas eram desiguais no que dizia respeito aos papéis desempenhados por homens e mulheres no grupo. Esta observação foi o meu primeiro contato com a temática que viria a se tornar o meu objeto de pesquisa e leituras durante a graduação. Dei continuidade a este projeto no semestre seguinte na disciplina Projeto 3 fase 1 que foi apoiado pela professora Dr<sup>o</sup> Sonia Marise. Paramos de ir ao assentamento por problemas de disputas internas de poder que inviabilizaram o projeto, tornando-o inseguro para o grupo.



O segundo motivo pelo qual a disciplina se tornou importante, foi que no semestre seguinte me tornei monitora da professora Danielle Xabregas, no qual eu não só aprendi como se organiza a aula bem como ocorre o trabalho docente na universidade. Neste momento pude me perceber enquanto futura professora e vivenciar como algumas práticas eram desconfortáveis para o professor e para os outros colegas.

No semestre seguinte continuei como monitora da mesma disciplina, mas por motivos de saúde a professora Danielle precisou sair de licença e então conheci a professora Dr<sup>o</sup> Jeane Felix que a substituiu durante esse período. A professora Jeane foi importante em meu percurso acadêmico quando me apresentou algumas temáticas que trabalhavam as questões de Gênero e Sexualidade na Educação. Procurei projetos que se encaixariam na minha área de interesse, mas por uma dificuldade de horário, tendo em vista que conciliava trabalho e universidade, acabei me afastando desta temática.

Durante este período de afastamento pude cursar a disciplina 'Gênero e Educação'. As leituras vivenciadas naquele momento foram fundamentais para que eu não abrisse mão da minha área de pesquisa "gênero e sexualidade na educação". Ao decidir não abrir mão desta temática fui à procura professores e projetos que pudessem me dar à oportunidade de estudar mais profundamente as questões que envolvem os temas.

A falta de projetos e de orientação sobre a temática me trouxe diversos questionamentos dentre eles: Será que o estudante do curso de Pedagogia sai formado da universidade para lidar com as questões ligadas a temática de gênero e sexualidade? E depois desta longa jornada é com este questionamento que nasce este trabalho de conclusão de curso. Na próxima parte trabalharemos os resultados da pesquisa por nós desenvolvida.

Por fim termino este memorial retomando o poema de Jobim que lembra que não importa as barreiras os tropeços ou as dificuldades que se encontra no caminho o que importa é que apesar das dificuldades sempre haverá a esperança. Esperança esta que me inspira a tentar desvelar o universo que gira em torno das temáticas de gênero e sexualidade no sentido de renovação dos conceitos, de uma nova construção de paradigmas e uma esperança ainda maior que as águas de

março lavem e levem consigo todos os preconceitos e violências que estão ligados aos conceitos.

PARTE II: MONOGRAFIA  
GÊNERO E SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO DO PEDAGOGO

---



## 2. Introdução

O trabalho que se segue pretende discutir os conceitos de gênero e sexualidade abordando-os a luz da concepção de alguns autores. A ênfase da temática em questão se dá pela percepção da realidade vivenciada pelos docentes no cotidiano da sala de aula em que a cada dia mais os professores se deparam com questões que envolvem as temáticas ligadas à estes conceitos. Diante disso vi a relevância em tratar sobre o assunto no ambiente de formação dos pedagogos como forma de expandir a discussão sobre esse tema.

O trabalho tem como problema de pesquisa: o formando de Pedagogia se sente preparado para trabalhar gênero e sexualidade no ambiente escolar? O currículo do curso de Pedagogia contempla o tema Gênero e Sexualidade nas diversas disciplinas do curso?

A finalidade deste trabalho é compreender o sentido de gênero e sexualidade expressos no Projeto Pedagógico do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília e nos discursos dos formandos de 2015.

Este trabalho justifica-se pela necessidade de se conceituar e discutir gênero e sexualidade nos estudos dos pedagogos, por entender que este tema ainda vem sendo encarado como um “tabu”<sup>1</sup> em nossa sociedade. Temática esta que vem sendo colocada em segundo plano principalmente no ambiente escolar, especificamente, na sala de aula. Considero de grande relevância esta discussão com o intuito de desconstruir os padrões tidos como naturais e normativos por vezes reificados no cotidiano da sala de aula por meio da homofobia, misoginia, machismo, sexismo entre outros.

Verifico, também, a necessidade de se trabalhar e refletir as questões de gênero e sexualidade no ambiente acadêmico com o intuito de problematizar a negação de se falar destes conceitos, bem como para que o professor possa encontrar formas de trabalhar este campo de conhecimento em sala de aula. Estando seguro de sua prática e com propriedade sobre esses conceitos, o docente não terá receio de falar dos mesmos, nem por medo de ferir moralmente pais e alunos e nem por interferir em seus preceitos familiares.

---

<sup>1</sup> Esta perspectiva não será discutida neste trabalho.

Foi escolhida como forma de operacionalizar o trabalho a pesquisa exploratória, que segundo GIL (2008, p. 27):

[...] são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato. Este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis.

Para tanto, a pesquisa caracteriza-se como exploratória utilizando uma abordagem qualitativa com base nos seguintes procedimentos:

- Pesquisa bibliográfica e documental;
- Pesquisa de Campo: entrevistas semiestruturadas com os formandos do curso de pedagogia da UnB.

A pesquisa documental utilizou-se das ementas e suas bibliografias para investigar em que medida este tema é abordado durante a formação do Pedagogo. Com relação à pesquisa de campo foram entrevistados seis alunos, sendo que quatro são do sexo feminino e dois do sexo masculino, todos formandos do curso de Pedagogia do segundo semestre de 2015. A escolha da amostra foi realizada através da lista dos prováveis formandos disponibilizada pelo Secretaria de Atendimento ao Aluno (Anexo1) contabilizando 95 formandos do diurno e do noturno que foram entrevistados considerando a vontade e a disponibilidade de participar.

Aplicamos um questionário (Apêndice A) contendo cinco questões discursivas sobre a temática de gênero e sexualidade. As questões apresentadas aos respondentes pautavam sobre:

- O que você sabe dizer a respeito do que seja gênero e sexualidade?
- Considerando a complexidade da temática gênero e sexualidade como futuro(a) pedagogo(a)/professor(a), como você pretende lidar com esta temática na escola?
- Recentemente foi divulgado nos canais de notícia que um garoto de 14 anos morreu ao ser espancado devido ao fato de ser criado por um casal de homossexual. Se você fosse professor(a), diretor(a) ou coordenador(a) de uma escola e soubesse que alguma criança está sofrendo preconceito devido a condição sexual dele ou de algum parente quais as medidas como educador você tomaria?

- Quanto ao curso de Pedagogia quais disciplinas, pesquisas ou curso de extensão você se lembra de ter feito que trataram da temática de gênero e sexualidade?
- Depois destes questionamentos e refletindo sobre sua formação, você se sente preparado para trabalhar com as temáticas e situações que envolvem gênero e sexualidade na escola?

Quanto ao procedimento de coleta, as entrevistas foram feitas pessoalmente com cada formando. Optamos pela Análise de Discurso como estratégia de pesquisa capaz de responder ao objetivo geral. No próximo capítulo nos deteremos nos principais conceitos da pesquisa na esperança de tornar claras nossas intenções para o leitor.

### **3. Gênero e sexualidade na Formação do pedagogo**

Este capítulo visa construir o marco teórico delimitador do objeto de estudo desta pesquisa – Gênero e Sexualidade. Para tanto, destacaremos o que há de mais próximo de nossa realidade entrelaçando os conceitos de identidade, gênero, sexualidade e desenvolvimento profissional.

Pode-se afirmar que ninguém nasce homem ou mulher? Ou que a identidade sexual e de gênero são construídas historicamente? O estudo da história vem nos permitindo conhecer de que modo ao longo do desenvolvimento da humanidade, homens e mulheres apresentaram costumes, tradições, valores, vestuários, crenças, de modo a perpetuar comportamento e relações de poder vigentes.

#### **3.1. Sobre identidade**

Quando se pensa em identidade pensa-se em construção histórica e social e é possível relacioná-la aos mais diversos tipos de identidade como: a nacional, a social e ainda a pessoal. Dito de outra forma, enquanto seres em processo de transformação, desde o nascimento, temos a imensa necessidade de nos identificarmos com outro ser humano e posteriormente com grupos sociais diversos que farão parte do nosso desenvolvimento psicológico, social, profissional, econômico, etc. Moreira & Câmara (2010) declaram que a temática da identidade é atual e extremamente relevante em função de ter se tornado objeto de estudo para a teoria social e principalmente para as teorias da educação.

Nestes estudos a questão da identidade é relevante quando se aborda a necessidade de se questionar quem somos, as transformações que ocorreram na humanidade além da questão do sentimento de pertencimento a um determinado grupo humano. Uma das suas principais finalidades é o desenvolvimento da consciência crítica, da cidadania, de modo que o aluno necessita desenvolver uma identidade social e de si. Politicamente é preciso destacar que em diferentes tipos de sociedades há predominância de determinados grupos sobre outros. Negros, mulheres e homossexuais tem sido alvo de discriminações. (MOREIRA & CÂMARA, 2010).

Moreira & Câmara (2010) destacam ainda que a identidade se desenvolve conforme se estabelece vínculos com os semelhantes bem como os diferentes. Estes autores afirmam que também aprendemos o que somos em meio aos significados atribuídos pelos outros. Por exemplo, o menino não deve chorar na frente dos outros enquanto as meninas podem brincar com bonecas. A identidade é, então, construída ao longo da vida em decorrência do processo de interações e de identificações com diferentes pessoas e grupos que o sujeito venha a participar (sociais, religiosos, familiares, e etc).

Nesse sentido Berutti e Marques (2009) nos trazem que o estudo da história permite ao ser humano a tomada de consciência da realidade ao analisar a lógica das relações historicamente construídas. Dessa forma a escola vem com uma das instituições que colaboram para a construção da identidade do aluno, da sua personalidade, dos seus preconceitos com relação às escolhas sexuais e para a manutenção do padrão de comportamento esperado pela sociedade em cada contexto cultural e social.

Sendo assim, temos o entendimento de uma identidade que é socialmente e historicamente construída, identidade esta que engloba as mais diversas características do sujeito assim como as preferências musicais, gustativos, sociais bem como a formação indentitária de gênero e sexualidade deste sujeito. Então o que seria gênero? E o que seria sexualidade? E qual seria o papel do docente e da escola na formação de uma identidade de gênero e sexualidade?

### **3.2. Sobre Gênero**

Como muitos outros conceitos, pode-se definir gênero e sexualidade de diversas maneiras dependendo da sua leitura, vivência, grupo social e religioso. Entretanto, por mais que os conceitos estejam entrelaçados eles se dão por processos históricos, culturais e teóricos diferentes. Um dos conceitos de gênero é apresentado por Daniela Auad (2011, p. 21):

O gênero – como um conjunto de ideias e representações sobre o masculino e sobre o feminino – cria uma determinada percepção sobre o sexo anatômico. E, então, ter pênis ou ter vagina, ser menina, homem, mulher ou menino determina quais serão as informações utilizadas para organizar os sujeitos em uma desigual (e irreal!) escala de valores.



Este trabalho está apoiado em uma definição de gênero proposto por LOURO (1997) que compreende gênero como um construto social que define os papéis de feminino e masculino, no que diz respeito sobre o que é ser homem e mulher na sociedade em que estamos inseridos e os papéis que os mesmos devem desempenhar dentro desta sociedade, essa construção atravessa e molda a identidade dos sujeitos, definindo o Gênero assim como se define ser brasileiro, católico, indígena.

De acordo com os autores citados acreditamos que ninguém nasce homem ou mulher e que sua identidade sexual e de gênero são construídas historicamente para satisfazer a sociedade na qual estamos inseridos respondendo assim as perguntas iniciais do nosso trabalho. Logo, inferimos que gênero é um construto social que define não somente os papéis sociais mais que interfere também na formação de identidade do sujeito. Sobre isto Joan Scott & Lida Nicholson apud Carvalho (2010, p. 93), afirmam que mesmo havendo diferentes compreensões sobre a questão do gênero:

Gênero não é um conceito que apenas descreve as interações entre homens e mulheres, mas uma categoria teórica referida a um conjunto de significados e símbolos construídos sobre a base da percepção da diferença sexual que são utilizados na compreensão de todo o universo observado, incluindo as relações sociais, e mais particularmente, as relações entre homens e mulheres.

Neste sentido para que este conceito tenha sido formulado existe um processo histórico e social o qual torna isto possível e não pode ser negligenciado. Vemos então a fundamental importância do movimento feminista e sua luta para origem da concepção e concretização da teoria de gênero e dos estudos das mulheres. A este respeito a autora Guacira Louro (1997) mostra que houve diversos movimentos e tentativas coletivas de se debater a questão de gênero e da mulher na sociedade, contudo o início do movimento feminista que é mais reconhecido é o do ocidente no século XIX, com um grupo de mulheres organizadas que queria que o voto fosse um direito de todos. Este movimento ficou conhecido como movimento “sufragista” ou a primeira onda, sendo que:

Seus objetivos mais imediatos (eventualmente acrescidos de reivindicações ligadas à organização da família, oportunidade de estudo ou acesso a determinadas profissões) estavam, sem dúvida, ligados ao interesse das mulheres brancas de classe média, e o alcance dessas metas (embora circunscrito a alguns países) foi

seguido de uma certa acomodação no movimento (LOURO, 1997, p.15).

Depois deste levante inicial do movimento feminista surge o que foi denominado de “segunda onda” no fim dos anos de 1960 que além de ter o caráter político e social deste primeiro momento passa a se preocupar com a construção do conhecimento científico feito por mulheres. É neste momento que “[...] será engendrado e problematizado o conceito de gênero” LOURO (1997, p.15). Nesse cenário destacam – se autoras como: Simone Beauvoir (1949), Betty Friedman (1963), Kate Millett (1969).

Este movimento social em busca da igualdade entre homens e mulheres possibilitou a formação e conformação do conceito de gênero “[...] elaborado para evidenciar que o sexo anatômico não é o elemento definidor das condutas humanas” (GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA, 2009, p.42) afirmando assim o caráter histórico social na construção da identidade de gênero dos sujeitos.

Dito isso, trago Kail (2009) que define papel social como um conjunto de diretrizes culturais sobre como uma pessoa deve se comportar. Os papéis sociais são costumeiramente associados ao gênero e estão entre os primeiros comportamentos que a criança aprende. Este autor ressalta que durante os anos pré-escolares as crianças aprendem os papéis de gênero, ou melhor, os papéis considerados culturalmente como específicos ou apropriados para homens e para mulheres. Dito de outra forma em todas as culturas existe estereótipos de gênero, ou seja, crenças sobre como homens e mulheres diferem em personalidade, interesses e comportamentos.

Kail (2009) destaca que à medida que as crianças aprendem quais os comportamentos são atribuídos a homens e quais a mulheres, as crianças começam a se identificar com um desses grupos. A convivência permitirá à criança a construção de uma identidade de gênero entendido aqui como “a percepção de si mesma como homem ou mulher”. (KAIL, 2009, p 286). É neste momento em que a criança se identifica dentro de um destes grupos que começam a se configurar certos preconceitos quanto a identidades de gêneros que fogem do que é tido como normal, um exemplo, seria um menino que passa a ser excluído pelos demais por que gosta de brincar de boneca pois isto é brincadeira de “menina”.

O autor nos traz outros estudos que indicam que os pais tratam os filhos de maneira similar, exceto quanto ao comportamento relacionado ao gênero. Os pais

são igualmente afetuosos, mas respondem de maneira diferente a filhos e a filhas. Brincar de bonecas, vestir roupas elegantes, ajudar um adulto são mais incentivadas nas meninas enquanto que luta livre, brincadeiras com cubos são mais estimulados nos meninos do que com as meninas. Kail (2009) também detecta em outros estudos que os pais estão mais propensos do que as mães a tratar filhos e filhas de modo diferente. Os pais incentivam a independência de seus filhos ao mesmo tempo em que aceitam a dependência de suas filhas. Nesse sentido um pai pode insistir para que um filho amedrontado enfrente desafios (“seja homem!”) e insistir menos com a filha (“tudo bem, querida!”).

Kail (2010) lembra que os colegas também influenciam. As crianças em idade pré-escolar (antes dos 6/7 anos) criticam os colegas que fazem brincadeiras do “gênero oposto” principalmente, no caso dos meninos, quando estes gostam de brinquedos e de atividades “femininas”. Como dito anteriormente.

No que diz respeito ao conceito de gênero que é adotado pelo MEC podemos citar os Parâmetros Curriculares Nacionais formulados para o 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental que diz:

O conceito de gênero diz respeito ao conjunto de representações sociais e culturais construídas a partir da diferença biológica dos sexos. Enquanto o sexo diz respeito ao atributo anatômico, no conceito de gênero toma-se o desenvolvimento das noções de ‘masculino’ e ‘feminino’ como construção social. O uso desse conceito permite abandonar o uso da natureza como responsável pela grande diferença existente entre os comportamentos e os lugares ocupados por homens e mulheres na sociedade.(BRASIL, 1998, p. 321- 322).

Vê-se então na política pública de educação, o conceito que foi construído pelo movimento feminista ocidental moderno, mas será que o docente formado ou em formação sabe como definir este conceito? Será que em sua prática ele consegue não só entender como aplicar este conceito? Essas são questões que tentaremos trazer algum esclarecimento em nossa pesquisa de campo.

### **3.3. Sobre Sexualidade**

O próximo conceito a ser trabalhado é o de sexualidade. Podemos começar dizendo que sexualidade não diz respeito apenas aos impulsos biológicos ligados ao sexo, os famosos instintos, assim como o conceito de gênero entendo o conceito de sexualidade como uma construção, dito isso pode se dizer que:

A sexualidade envolve um processo contínuo, e não linear, de aprendizado e reflexão por meio do qual, entre outras coisas, elaboramos a percepção de quem somos. Esse é um processo que se desdobra em meio a condições históricas, sociais e culturais específicas. Nascemos dotadas e dotados de determinadas capacidades biológicas. Todo o resto se constrói e vai se formando ao longo da vida. Por isso, as expressões da sexualidade humana são tão diversas. (GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA, 2009, p. 115)

Não se pode negar o caráter biológico da sexualidade e assim como o gênero a sexualidade é totalmente influenciada pelo meio que estamos. Inserindo estes fatores na equação podemos afirmar que a sexualidade é um dispositivo de prazer dos indivíduos que se inscrevem nos papéis de gênero, nas identidades, nos corpos, nas relações sociais e nos discursos historicamente construídos nas redes de relações de poder, sendo assim, o exercício e o controle do que o indivíduo pode ou não vivenciar. A este respeito pode se dizer que a:

Sexualidade é entendida como um conjunto de ações que resultam em prazer, não necessariamente buscado no aparelho genital, como muitas vezes é considerado pelo senso comum. A negação da genitalidade como única forma de expressão da sexualidade aparece, então, como forma de afirmação de uma sexualidade pluridimensional porque é construída em diversos contextos (o biológico, o familiar e o social). (OLIVEIRA, 2012, p.107)

Então, podemos nos perguntar: Como isto ocorre na prática pedagógica? Como se daria a educação sexual de fato? A quem compete este tipo de educação? Estas são questões suscitadas ao longo do trabalho que não pretendemos responder-las neste espaço. Inicialmente faremos um apanhado histórico dos tipos de educação sexual estudadas no Brasil por Jimena Furlani *apud* Ayanne Santos (2014) que nos traz oito tipos de abordagens para educação sexual contemporânea apresentadas resumidamente no quadro 1:

**Quadro 1. Abordagens de Educação Sexual contemporânea**

<b>Biológica/Higienista</b>	Abordagem que evidencia o caráter biológico da sexualidade que remete a uma educação sexual que atrelada ao perigo e a doença.
<b>Moral-Tradicionalista</b>	Esta ligada a moral tradicional e prega a abstinência como forma de prevenção de doenças e gravidez na adolescência. Tornando a família responsável pela educação sexual.
<b>Terapêutica</b>	Tem como preocupação principal a homossexualidade tendo em vista que sua pratica foca na explicação e a cura de práticas sexuais tidas como anormais.
<b>Direitos Humanos</b>	Esta diretamente ligada a declaração de direitos humanos. Sendo assim, tenta desconstruir representações negativas e acolher identidades excluídas por classe, raça/etnia, gênero sexualidade entre outros.
<b>Direitos Sexuais</b>	Entende a sexualidade como parte integral de todo o ser humano e que os direitos sexuais são direitos humanos fundamentas baseados na liberdade, dignidade e igualdade de todos.
<b>Emancipatória</b>	Prevê os meios para que os sujeitos criem seus próprios mecanismos emancipatórios, atrelado ao conhecimento do eu e ao esclarecimento – consciência – que remeterá a liberdade de escolha.
<b>Queer</b>	Propõe que não há identidades fixas evidenciadas como normais, propondo uma construção indenitária de gênero e sexualidade livres, propondo assim uma nova forma de olhar a sexualidade abandonando o padrão normativo binário e a heteronormatividade.

FONTE: Santos (2014)

Depois de ter apresentado estas abordagens, gostaria que o leitor relembresse: Como foi à educação sexual proporcionada na escola? Em qual dessas abordagens se encaixaria? Bom a minha lembrança que não é muito antiga, uns seis anos atrás, está totalmente atrelada à abordagem biológica higienista, a moral tradicionalista e ainda a Terapêutica em que aprendíamos que além de ser errado ter relação sexual antes de casar, era perigoso, arriscado, pois havia sempre a chance da gravidez na adolescência e sem mencionar as doenças sexualmente transmissíveis, sem contar a normatização das praticas sexuais sempre levando em consideração as praticas ditas como certas ou aceitáveis.

O que isso nos diz da educação sexual que estamos oferecendo em nossas escolas? É uma educação que leva em conta seus sujeitos? Esta educação tem tido o resultado esperado? Dentro do universo da temática sexualidade podemos citar a taxa do HIV nos jovens de 17 a 20 anos que em cinco anos passou de 0,09% para 0,12%. A este respeito:

Diversos estudos mostram que quanto mais baixo o nível de escolaridade maior é o percentual de infectados (prevalência de 0,17% entre os meninos com o ensino fundamental incompleto e 0,10% entre os que tem ensino fundamental completo (SEFFNER, 2012 p.168)

Ou seja, ao invés de diminuir houve um aumento significativo da AIDS entre os jovens. Podemos dizer então a respeito da educação sexual que ao:

Trabalhar com o fornecimento de informações, não deverá abordar somente conteúdos relacionados a biologia do sexo, mas também, informações relativas ao contexto social em que a sexualidade é moldada limitada e exercida. Assim deverão ser abordados conteúdos como o preconceito, as negociações de poder que envolvem as relações sexuais, as desigualdades entre os sexos, a determinação cultural que estabelece os papéis de 'homem' e 'mulher' na sociedade e a sua influencia nas relações sexuais [...] e tantos outros conteúdos geralmente esquecidos em prol do privilégio a informações ligadas a reprodução. (OLIVEIRA, 2012, p.108)

Assim sendo, é preciso pensar em uma educação sexual que se aproxime dessas abordagens: Queer, Emancipatória, dos Direitos Sexuais ou a dos Direitos Humanos. Ou seja, uma educação sexual que vise o sujeito e que o leve a desconstruir os padrões, que busque a quebra dos preconceitos afirmados historicamente, para que venha possuir conhecimento e informação suficiente para poder construir uma identidade sexual individual baseada em suas sensações e não em conceitos pré-formulados.

Tendo isto em vista compreendo a escola com instituição fundamental para a construção da identidade da criança perpassada pelas questões de gênero e sexualidade. Para entendermos melhor como isso acontece nos baseamos em uma pesquisa realizada por Carvalho (2010) ao entrevistar duas professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental constatou uma nítida diferença de percepção das professoras com relação ao desempenho de meninos e meninas. A pesquisa indicou que as professoras reconheciam os meninos como os que apresentavam mais problemas escolares do que as meninas e que a imagem do "bom aluno" está frequentemente associada as meninas brancas.

Outro estudo realizado por Silva e colaboradores (apud CARVALHO, 2010) identificaram que as meninas são, geralmente, organizadas, estudiosas, sossegadas, caprichosas e atentas. Por outro lado, elas demonstram ser menos inteligentes que os meninos que apresentam-se agitados, malandros, dispersos e indisciplinados.

Na Inglaterra, outro estudo conduzido por Valerie Walkerdine (apud CARVALHO, 2010) mostra a grande discrepância existente na avaliação dos docentes frente a meninos e a meninas estando o bom desempenho das meninas associadas ao seu esforço, dedicação enquanto que o baixo desempenho dos meninos era considerado como uma não realização de um potencial brilhante em função de um comportamento ativo, lúdico.

Percebe-se então, que a prática pedagógica vem sendo um instrumento de reprodução dos modelos normativos vigentes regulando os corpos, os sujeitos e suas identidades e cristalizando conceitos do masculino e feminino que são aceitos socialmente. Tal atitude acaba por marginalizar e segregar as pessoas que não se encaixam nesta padronização binária da sexualidade e de gênero. Entendemos a importância do docente, estar em sua prática pedagógica comprometido com a desconstrução dos padrões que oprimem e optando por uma pedagogia libertadora capaz de emancipar o sujeito, este sendo autor da sua própria construção de gênero e sexualidade.

Em outras palavras conforme Fonseca (2006) a escola não é apenas um reflexo da economia, da sociedade e das exigências ideológicas da classe dominante, mas também, um local onde os conflitos de classes e as diferentes culturas podem ser encontradas exercendo papéis na reprodução e na distribuição do conhecimento e dos padrões socialmente estabelecidos.

Assim sendo, a formação tem um papel fundamental para o docente, como dito em Dantas (2007, p.41) a “formação Inicial para a docência representa o período de preparação formal do formando em uma instituição específica em que poderá adquirir competências e conhecimentos necessários ao desempenho da profissão”. Ou seja, é neste momento que se espera que haja a construção de saberes e práticas para que o futuro docente se sinta capaz de trabalhar estes conceitos em sala de aula.

#### **3.4. Sobre o Desenvolvimento Profissional**

Sabendo que existe um universo a ser apreendido pelo docente em sua formação inicial podemos inferir que nem todas as temáticas e nem todos os tipos de teorias serão trabalhadas neste momento. Logo nem sempre a formação inicial, a graduação, será suficiente para a realidade enfrentada em sala de aula, muitas vezes não vivenciada pelo docente durante sua formação. Faz-se, então, de

extrema importância a formação contínua e o desenvolvimento profissional do docente, para evitar que o professor não desenvolva práticas obsoletas que eram anteriormente criticas por ele. Para Dantas (2007, p.64), o desenvolvimento profissional:

[...] ou a capacidade do aprender docente contínuo possibilita, ao docente, uma ação que tem consequência direta no desenvolvimento da pessoa como ser cultural e político. Muitas vezes, isso requer do professor reconsiderar valores e descobrir novas possibilidades de usufruir da cultura e da participação social. Ou seja, ser profissional é estar aberto ao novo para interagir, transformando a si e aos outros através de saberes e competências próprias da profissão.

Neste movimento do individual para o social o docente, no intuito de conhecer e de se apropriar da temática de gênero e sexualidade pode promover “[...] reuniões entre professores para a discussão das situações de sala de aula que envolvam a abordagem de conteúdos relacionados á sexualidade” (OLIVEIRA, 2012, p.112) realizando, assim, educação continua. Partindo do desenvolvimento pessoal, em prol do crescimento coletivo.

Dito isto, cabe ao professor discutir e refletir com os alunos os comportamentos preconceituosos e propor aos mesmos uma atuação mais respeitosa e condizente com a democracia e fazendo isto por meio de uma pratica pedagógica que faça uso de:

Métodos de ensino que privilegiem a participação do aluno, não só como sujeito de ação educativa, mas, também, como agente dessa ação. Nesse tipo de ação educativa, os alunos são estimulados a compartilhar com o grupo suas experiências de vida e os conteúdos afetos à sexualidade daí aprendidos não devem estar, portanto, limitados a ouvir, a aceitar e a assimilar os conteúdos transmitidos pelo professor ou por qualquer outro integrante do grupo de alunos. OLIVEIRA (2012, p.109)

A participação ativa dos alunos nos debates das questões que envolvem as relações de gênero e sexualidade pode contribuir para a construção de novos paradigmas e relacionamentos humanos mais saudáveis e respeitosos. Como exemplo, o docente pode fazer o uso de filmes e músicas como ferramentas propulsoras de tais debates. Os métodos e as ferramentas com as quais se podem trabalhar são inúmeras, todavia como dito anteriormente é necessário que o docente esteja capacitado para utiliza-los.



Portanto, é fundamental ao docente pedagogo compreender os conceitos de Gênero e de sexualidade no sentido de proporcionar ao seu aluno uma formação que o possibilite construir sua identidade livre de preconceitos e consciente do seu corpo para vivenciar de forma saudável sua sexualidade. Esse movimento pedagógico conduz a formação de cidadãos críticos e capazes de transpor conceitos estereotipados, historicamente tidos como certos e aceitáveis pela sociedade.

#### **4. O Sentido de Gênero e Sexualidade expressos no Projeto Acadêmico do curso de Pedagogia da UnB e nos discursos dos Formandos.**

Neste capítulo propomos como finalidade compreender o sentido de gênero e sexualidade expressos no Projeto Pedagógico do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília e nos discursos dos formandos de 2015.

##### **4.1. O Projeto Acadêmico do Curso**

Teceremos uma breve apresentação do curso para então analisarmos o projeto acadêmico no intuito de verificar em que circunstâncias formativas o currículo do curso de Pedagogia contempla o tema Gênero e Sexualidade nas diversas disciplinas do curso. Vale salientar que o curso em tela neste estudo foi o curso de Pedagogia na Universidade de Brasília em sua modalidade presencial.

O curso de pedagogia existe nesta universidade desde a segunda metade do século XX com ênfase na formação para o magistério em início de escolarização. Em 1996 uma resolução do Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão definiu que o currículo deste curso deveria possuir um limite de 70% destinado às disciplinas obrigatórias e 30% de disciplinas optativas. Diante desta nova realidade, os docentes da faculdade de educação decidiram que ao invés de ajustar os créditos como fora orientado, optaram pela reformulação profunda do curso e, conseqüentemente, do projeto acadêmico e curricular, ainda vigente (PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO, 2002).

O corpo docente, imbuído deste compromisso de reformulação do Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia, apoiou-se nas novas exigências de formação docente contidas na nova Lei de Diretrizes e Bases (Lei 9394/96), bem como nos Parâmetros Curriculares adotados para a Educação Básica entre outros documentos. Esta reformulação teve início em abril de 1997, por meio de várias reuniões, palestras e grupos de trabalho envolvendo toda a comunidade acadêmica interessada no assunto dentro e fora da universidade.

Depois de toda a jornada de construção e elaboração deste currículo entendeu-se que este documento representava o sentido da formação docente no

curso de Pedagogia na Universidade de Brasília. Diante isto vale salientar alguns aspectos segundo o Projeto Acadêmico dentre eles:

O Curso de Pedagogia na Universidade de Brasília considera a formação docente do pedagogo essencial mesmo que este não tenha destino Profissional à atuação como professor. Pretende o Curso formar também o pesquisador educacional, com base numa formação teórica, científica e técnica ancorada na Contribuição das Ciências Sociais e Humanas aplicadas à educação (FACULDADE DE EDUCAÇÃO, 2002.).

A Proposta salientou a formação do pedagogo enquanto profissional qualificado, habilitado para atuar em ambientes não escolares. Ou seja, um curso comprometido com a formação do pedagogo docente, contudo não exclusivamente vinculado á pratica do magistério.

O projeto tem como princípio teórico o pensamento complexo de Edgar Morin em que destaca:

[...] as grandes questões postas ao homem contemporâneo, situando-o na sua filiação à espécie de organização social, articulando esta num contexto de mutações tecnológicas e descobertas científicas que atualizam o processo de hominização (FACULDADE DE EDUCAÇÃO, 2002).

Esta perspectiva parece vislumbrar um novo tipo de formação de caráter interativo e dialógico, situando os sujeitos no centro do aprendizado, ou seja, “o ser humano como razão e sentido da atividade educativa.” (FACULDADE DE EDUCAÇÃO, 2002). Como dito no projeto acadêmico, levando em consideração o sujeito por inteiro e propor uma educação multidimensional que leva em consideração todos os aspectos dos sujeitos nela envolvida. A este respeito ainda encontramos no projeto acadêmico que:

No esforço de renovação da Pedagogia, convém lembrar que a revisão crítica e periódica do conceito de educação torna-se vital de forma a estar assentado sempre num paradigma aferidor de sua identidade e definidor de opções, valores e finalidades. Desta forma, poderá se desenvolver uma autêntica Pedagogia da complexidade capaz de dar abrigo à multiplicidade de referências existentes (FACULDADE DE EDUCAÇÃO, 2002).

A proposta curricular apresentada neste novo projeto de formação inicial oferece ao graduando a possibilidade da construção da identidade profissional enquanto pedagogo, ou seja, a estruturação e a consolidação de uma identidade que o pedagogo continuará construindo no decorrer de sua prática. Para que isso

fosse possível, definiu-se alguns princípios norteadores no intuito de tornar realidade a missão do curso de Pedagogia:

Formar educadores capazes de intervir na realidade, através de uma atuação profissional crítica, contextualizada, criativa, ética, coerente e eficaz, buscando a plena realização individual e coletiva. Esta atuação deve, complementarmente, estar comprometida com um projeto de sociedade autônoma, solidária e democrática. Isto significa que o Curso assume compromisso com a Democracia (FACULDADE DE EDUCAÇÃO, 2002).

Sendo assim, a missão da formação inicial adotada pelos docentes da Faculdade de Educação pretende oferecer para os graduandos, centra-se no sujeito em todas as esferas de sua vida; uma educação emancipadora, capaz de formar sujeitos críticos. Compreendida a missão do Curso de Pedagogia, ressaltamos os princípios anteriormente citados (FACULDADE DE EDUCAÇÃO, 2002):

1. Respeito à igualdade de direitos e de não discriminação, sob quaisquer de suas formas;
2. Preocupação com a promoção da igualdade de condições de acesso à educação e à cultura bem como a garantia do respeito e permanência nos estabelecimentos/organizações que as promovem;
3. Liberdade de expressão;
4. Pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas e tolerância com as diferenças;
5. Liberdade de ensinar, pesquisar e divulgar o saber;
6. Gestão democrática;
7. Permanente articulação com a comunidade e em especial com as agências empregadoras e as redes de aprendizagem.

No nosso entendimento estes princípios dão base e estão intrinsecamente ligados ao como fazer educação dentro do curso. Analisemos então, no que eles se aproximam e dialogam com as temáticas deste trabalho – gênero e sexualidade.

O primeiro princípio é importante para nossa temática pois, na sua formação inicial, o graduando possa vivenciar e entender a importância da multiplicidade de gênero e sexualidade para que em sua prática pedagógica não reproduza a normatização implícita socialmente.

O segundo princípio está contido, inclusive, em nossa Carta Maior. Contudo, qual a ligação existente com a temática aqui proposta e ainda qual a relação do mesmo com o ambiente escolar? Barreto, Araújo e Pereira (2009, p. 31) nos ajuda a compreender tal problema destacando que:

A escola por seus propósitos, pela obrigatoriedade legal e por abrigar distintas diversidades (de origem, de gênero, sexual, étnico-racial, cultural etc), torna-se responsável – juntamente com os estudantes, familiares, comunidade, organizações governamentais e não governamentais – por construir caminhos para a eliminação de preconceitos e práticas discriminatórias.

Visto que a obrigatoriedade e a igualdade de acesso a educação são direitos resguardados em nossa Constituição Federal, entendemos que a escola e a educação são meios para uma nova construção social que leve em consideração a multiplicidade de gênero e sexualidade possibilitando aquela visão de sociedade contida no Projeto Acadêmico do curso, ou seja, uma sociedade capaz de superar preconceitos e práticas discriminatórias. Para tanto, faz-se necessário um esforço conjunto de todas as esferas sociais.

Ao entendermos que gênero e sexualidade são termos que permeiam a identidade dos sujeitos podemos considerar que existem diferentes práticas e formas de vivenciá-los. A este respeito Louro (2011, p.19) afirma que:

Apesar dos pesares, alguns (ou muitos) se arriscam à desobediência, atrevem-se a transitar pelas fronteiras dos gêneros e da sexualidade, a desejar quem não devem desejar, a experimentar a ambiguidade. Não estão visíveis as cenas que nos foram dadas a ver, mas seria possível afirmar que também “estavam” ali. De algum modo estes “seres abjetos” costumam habitar e assombrar os corpos de todos os homens e mulheres. Eles nos são indispensáveis. Eles fornecem o limite e mostram até onde os corpos “normais” devem ir.

No que concerne a “garantia do respeito e permanência nos estabelecimentos/organizações que as promovem”, assim como tantos outros, este princípio pode ser analisado a luz de diversas temáticas. Ao pararmos para analisá-lo sob o viés de gênero e sexualidade, podemos dizer que:

Quando a escola não oferece possibilidades concretas de legitimação das diversidades (nas falas, nos textos escolhidos, nas imagens veiculadas na escola etc) o que resta aos alunos e alunas, senão a luta cotidiana para adaptar-se ao que esperam deles/as ou conformar-se com o status de “desviante” ou reagir aos xingamentos e piadinhas e configurar entre os indisciplinados? E, por último, abandonar a escola. (BARRETO, ARAUJO & PEREIRA, 2009, p.32)

Neste sentido procuremos nos situar: uma sociedade que normatiza os corpos e as atitudes e todos aqueles que fogem a esta norma são tidos como desviantes, conforme (LOURO 2011). Assim sendo, se a escola não proporciona um ambiente acolhedor que permita novas formas de vivenciar gênero e sexualidade, os que transgridem esta norma não terão outra saída que não seja abandonar a escola; por isto a importância do graduando conhecer, entender e saber lidar com estas temáticas para que em sua prática não venham reiterar normas homogeneizadoras e massificadoras.

Os próximos três princípios que trataremos estão intrinsicamente ligados: “Liberdade de Expressão” que consiste no direito de manifestar livremente suas ideias, seus ideais, suas crenças entre outros; para tal podemos fazer uso da fala, da escrita, dos nossos corpos e de tantas outras formas. Trata-se da representação de um direito garantido constitucionalmente. Assim sendo, dentro do ambiente escolar é possível a construção indenitária livre dos sujeitos.

O outro princípio consiste no “Pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas e tolerância as diferenças”. Ao relacionar este princípio com o anteriormente citado concluímos que o direito de se expressar estende até onde começa o direito do outro. Existem muitas maneiras de se inserir na escola a cultura da diversidade no que concerne a construção dos sujeitos por meio de uma pedagogia que não tenha a “preocupação em conduzir a criança a um modelo considerado apropriado” (SOUZA 2012, p.120) Para tal o docente precisa de “Liberdade de ensinar, pesquisar e divulgar o saber” E este é o quinto e ultimo princípio por nós analisado. A reportagem do Portal do Aprendiz (ZINET, 2015) relata que atualmente existem ao menos 5 projetos de lei que pretendem modificar os conteúdos ensinados em sala de aula, alguns destes pretendem impedir o que denominam de “ideologia de gênero” ou “ameaças á família”.

Um exemplo é o projeto 2731/2015 de autoria do deputado federal Eros Biondini (PTB-MG) que propõe uma alteração no plano nacional de educação. O autor propõe que não se deve ensinar nada relacionado a temática de gênero e sexualidade apresentando sanções a todo o docente que desrespeitar esta lei em acordo com o artigo 232 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990), que prevê a pena a todo aquele que submeter a “criança ou adolescente sob sua

autoridade, guarda ou vigilância a vexame ou constrangimento”. A este respeito Souza (2002, p. 122) destaca:

Qual seria então o papel da escola? Deve ela ignorar o desejo que crianças e adolescentes manifestam em conhecer o próprio corpo, das teorias que constroem para explicar a concepção e o nascimento, bem como as diversas manifestações da sexualidade? Mesmo que a escola esteja se empenhando em discutir sexo com seus alunos, é possível perceber o quanto ainda é difícil trabalhar numa perspectiva em que outros estilos e concepções de vida sejam contemplados e, principalmente, respeitados.

Como podemos pensar em uma Pedagogia plural que contemple toda a diversidade contida em nossa estrutura social se nossos governantes querem tirar do docente o direito da liberdade de ensinar? Como podemos pensar e construir uma pedagogia que contemple esta temática se ela de fato não poderá ocorrer em sala de aula?

Existem muitos questionamentos que podemos nos fazer a este respeito, contudo já trazemos a memória novamente o lugar do qual estamos falando – uma sociedade que ainda vê como “tabu” as questões que envolvem gênero e sexualidade e aí está a importância da valorização desta temática na formação do pedagogo em primeiro para desmistificar temática e em segundo para empoderar o profissional em formação para que saiba utilizar de instrumentos de luta e reivindicar contra este movimento de silenciamento da temática, importante para a formação do sujeito cidadão.

Diante dos estudos até aqui apresentados, refletimos que tais princípios estão de acordo com o ideal de sociedade democrática. Contudo, por mais que estejamos em uma sociedade “livre” e “tolerante” ainda apresentamos comportamentos, muitas vezes, normativos e relutantes em tratar da temática aqui abordada. Podemos, então, entender a importância da elaboração dos conceitos durante a formação inicial dos graduandos. A este respeito vamos analisar agora as disciplinas ofertadas na graduação que possibilitem tal elaboração.

O fluxo curricular do curso de pedagogia é dividido assim: 31 matérias obrigatórias contando com os projetos, 22 matérias optativas, além de 24 créditos de módulo livre e outros 24 créditos de estudos independentes que o graduando pode solicitar. Ou seja, o fluxo curricular gera o entendimento de fluidez assim sendo a partir desta estrutura temos o que podemos entender como disciplinas

indispensáveis para a construção indenitária do graduando enquanto pedagogo, gerando assim os créditos obrigatórios do curso.

A Matriz curricular do Projeto Acadêmico do curso apresenta os créditos optativos que possibilitam ao aluno em formação vivenciar as mais diversas possibilidades do curso, além dos créditos de módulo livre que proporcionam ao graduando o conhecimento de áreas afins ou ainda a chance de aprofundamento em sua área de pesquisa levando em consideração os outros cursos que existem na universidade. Por fim, os estudos independentes visam levar em consideração todos os aspectos de formação do graduando oferecendo a chance de aproveitamento de cursos, pesquisas e outras vivências ligadas a docência para gerar créditos ao formando.

Isto posto, fazendo uso da minha vivencia enquanto graduanda do curso de Pedagogia e da apreciação das ementas algumas disciplinas escolhemos aquelas que entendemos tratar das temáticas por nós abordadas neste trabalho. Para tal, não consideramos as transversalidades presentes sobre os diversos conteúdos dentro de suas disciplinas, pois preferimos apreciar os documentos oficiais. Deste modo as ementas das disciplinas por exemplo. Dito isto separamos três matérias obrigatórias: Antropologia da Educação, Ensino de História Identidade e Cidadania e Orientação Educacional.

Escolhemos *Antropologia da Educação* por entender que antropologia é a ciência que estuda o homem em todas as suas dimensões, sendo assim, esta disciplina bem que poderia contemplar o debate das temáticas de gênero e sexualidade aplicados à educação. Optamos por *Ensino de História Identidade e Cidadania* por contempla, também, as temáticas aqui abordadas inerentes às identidades dos sujeitos e como a construção livre das mesmas e por possibilitar o pleno exercício da cidadania. Entendemos por *Orientação Educacional* o trabalho do pedagogo habilitado a intermediar questões escolares dentro e fora de sala de aula. Contudo, optamos por esta disciplina tendo em vista ainda existir incertezas quanto a se trabalhar com estas temáticas e o orientador educacional pode ajudar ao docente mediar e lidar com estas questões.

De acordo com as ementas extraídas do site Matrícula Web (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 2015). Os apontamentos trazidos pela *Antropologia e Educação* nos mostra a preocupação de se entender o “outro” além de se discutir sobre cultura a partir de um olhar antropológico para a educação. Destaca-se “a questão da



mudança de paradigma, com ênfase para a complexidade, a transdisciplinaridade e a educação. cabendo discutir e trabalhar com a questão da heterossexualidade como a única forma “correta” de expressão da sexualidade humana e de qual forma isto está implicado no fazer pedagógico como um exemplo.

A disciplina de *Ensino de História Identidade e Cidadania* aborda a discussão teórica e as bases epistemológicas que fundamentam o aporte legal e as concepções pedagógicas para o seu ensino. Quanto a nossa temática destacamos da ementa “A questão de identidade e cidadania no ensino de história. Ensino de história, memória e cotidianidade.” Entendo que ensinar e aprender história, seria a ação de revisitar o passado para entender quais foram os processos que possibilitaram o que somos hoje como indivíduos, sociedade e em um sentido maior como nos tornamos humanidade. Assim sendo, nesta perspectiva trabalhar os conceitos de memória, cotidianidade as questões de identidade e cidadania dentro do ensino de História, possibilita o entendimento do aluno em formação quanto a alguns aspectos da nossa sociedade, como a naturalização de certos tipos de violências bem como a invisibilidade de alguns grupos de sujeitos em nossa história. No que concerne a temática aqui trabalhada, ao revisitar o passado podemos entender o processo de como algumas identidades foram se tornando socialmente aceitas e outras não.

O texto da ementa de disciplina de *Orientação Educacional* traz uma breve apresentação do que costuma ser contemplado em seus conteúdos. Tende a discutir as bases teóricas, históricas e metodologias para a formação do orientador educacional e dentro disto a base legal que fundamenta a profissão e a discussão da trajetória deste profissional. A este respeito não podemos destacar nada em especial que pudéssemos analisar a luz da nossa temática.

Nos conteúdos programados para a disciplina de Antropologia da Educação consta como temática o “Desvio e divergência na escola - alunos com comportamentos considerados desviantes e inaceitáveis” Neste sentido destacamos o pensamento de Guacira Louro (2011), em que aborda sobre os sujeitos desviantes da norma, podemos então supor, a partir desta proposta, que esta disciplina se destina a estudar gênero e sexualidade no ambiente escolar mesmo implicitamente.

Quanto às disciplinas *Orientação Educacional* e *Ensino de História Identidade e Cidadania*, constatamos que seus programas pouco contemplam a temática aqui explicitada. Vale ressaltar que estes programas muitas vezes são alterados pelos

docentes, ou seja, não é por que não encontramos a ligação com nossa temática neste documento que na prática esta discussão deixe de existir, pois tendo cursado estas disciplinas constatei que esta temática é recorrente. Contudo este é o documento “oficial” que metodologicamente optamos por investigar neste trabalho. Assim sendo nos perguntamos se mesmo não evidenciados em suas ementas, tais categorias são, realmente, contempladas e/ou debatidas durante as aulas destas disciplinas? E se a resposta for não, porquê de sua não existência? Perguntas estas que pretendemos elucidar a partir dos discursos dos formandos entrevistados em nossa pesquisa.

Analisamos apenas os títulos de matérias optativas oferecidas pela Faculdade de Educação. Dito isto, fora escolhido três disciplinas para serem analisadas: *Gênero e Educação*, *Educação e Multiculturalismo na Contemporaneidade* e *Tópicos Especiais em Educação e Diversidade Cultural*. Escolhemos *Gênero e Educação*, pois seu título já nos apresenta a temática aqui proposta. Vale dizer que por mais que sejam dois conceitos diferentes gênero e sexualidade, de fato muito difícil dissociá-los.

Quando pensamos em *Educação e multiculturalismo na contemporaneidade* pensamos em uma educação que leve em consideração toda a diversidade cultural existente na sociedade atual. Para pensarmos toda a diversidade cultural existente em nossa sociedade atualmente precisamos pensar também na diversidade de gênero e na diversidade sexual, já que estes conceitos geram identidades que modificam a cultura normativa impressa na sociedade.

No que diz respeito à disciplina *Tópicos Especiais em Educação e Diversidade Cultural*, quando pensamos em diversidade cultural pensamos nas mais diversas manifestações de crenças, estilos musicais, formas de linguagem entre outros. Desta maneira, as mais diversas manifestações de identidade, e como já dito neste trabalho mais de uma vez, as identidades de Gênero e Sexualidade definem os sujeitos assim como ser católico, indígena, nordestino. Ou seja, a disciplina foi escolhida por considerarmos que ela se propõe a investigar estas diferentes manifestações dentro dos ambientes formais e não formais de educação. Contudo não conseguimos analisá-la mais profundamente tendo em vista que nem a sua ementa nem seu programa estão disponíveis no Matricula Web.

Cruzando os discursos expressos nas ementas das diferentes disciplinas aqui contempladas, percebemos uma concordância a respeito de nossa percepção inicial.

A disciplina *Gênero e Educação* pretende discutir a história do conceito de gênero fazendo uma reflexão do mesmo na sociedade atual. Podemos perceber a partir da ementa que o foco da disciplina está na mulher, assim sendo a disciplina pretende fazer tais discussões a partir de um viés feminista. Já a disciplina *Educação e Multiculturalismo na Contemporaneidade*, aborda a educação e as mais diversas representações culturais existentes atualmente. No que diz respeito a nossa temática retiramos da ementa: “O papel da escola face a transversalidade e a diversidade cultural na atualidade.” Ou seja, de que forma a escola traria pra si os conteúdos e as temáticas que englobam os conceitos de transversalidade e diversidade cultural, entendendo que dentro de diversidade cultural podemos encontrar as temáticas aqui trabalhadas.

O programa da disciplina de *Gênero e Sexualidade* esta dividida em três blocos “Estudos feministas/Representações sociais, A educação das mulheres como importante fator de mudança sociocultural, Sexualidade e Violência”. Distribuída assim proporciona a construção das temáticas para o formando, empoderando-o e capacitando-o para que quando precisar possa saber como se conduzir diante destas situações. Não foi possível encontrar aproximação entre os conteúdos contemplados na disciplina *Educação e Multiculturalismo na Contemporaneidade* e nosso objeto de estudo. Contudo, podemos inferir que ela discute e reflete sobre o multiculturalismo na educação pelos motivos já expostos anteriormente.

Ainda há duas considerações: a primeira, duas das três disciplinas analisadas geralmente são ofertadas no período vespertino. Contudo, o curso de Pedagogia tem alunos matriculados no diurno e no noturno que, portanto, tais disciplinas não alcançam esta parcela de graduandos. A segunda consideração é que uma destas disciplinas não tem sido ofertada a algum tempo. A partir destas considerações podemos nos questionar se os alunos do curso de Pedagogia saem formados para discutir e enfrentar as questões ligadas a Gênero e sexualidade? Se sua formação oferece subsidio suficiente sobre esta temática?

Ressaltamos que foram analisados um pequeno conjunto de disciplinas do curso de Pedagogia, extraídas do documento oficial e que a intenção de tal análise foi não somente encontrar sinais do nosso objeto de estudo nas ementas das disciplinas, mas encontrar na estruturação destas disciplinas os princípios do Projeto

Acadêmico do Curso. A seguir faremos a análise das entrevistas realizadas com os formandos.

#### **4.2. Os discursos dos cursistas de Pedagogia**

Para o desenvolvimento da pesquisa foram analisados os discursos de 6 formandos do curso de Pedagogia do segundo semestre de 2015. Questionamos se estes cursistas sentem-se preparados para trabalhar gênero e sexualidade no ambiente escolar. Analisamos estes discursos entrelaçando-os aos referenciais teóricos aqui adotados e a apreciação feita do projeto acadêmico e curricular do curso.

Como já dito, as entrevistas (Apêndice A) foram realizadas com seis formandos e, que por questão de ética na pesquisa científica optamos por manter o anonimato dos entrevistados identificados como Respondente1 até Respondente6<sup>2</sup>. Na entrevista procurávamos observar se os alunos se sentiam confortáveis com as temáticas abordadas neste instrumento e para conseguir ter uma noção do que eles realmente sabiam dos conceitos.

Quanto à coleta dos dados a amostra foi escolhida a partir da lista de prováveis formandos disponibilizada pela Secretaria de Atendimento ao Aluno (Anexo A) e entrevistados conforme a disponibilidade dos mesmos. Foi encontrada certa dificuldade para conseguir os respondentes, pois muitos alunos afirmavam não ter tempo e além de que alguns alunos não quiseram ser entrevistados por causa da temática. Dos seis entrevistados, quatro são do sexo feminino e dois são do sexo masculino.

As entrevistas eram divididas em duas partes: a primeira, a de identificação, coletamos alguns dados dos respondentes. Na parte da identificação, quando perguntado: Seus familiares abordam sobre GÊNERO e SEXUALIDADE de que modo? Dois respondentes afirmaram que seus familiares abordam a temática de gênero e sexualidade de forma aberta, três disseram que seus familiares não abordavam a questão e um se absteve. Este primeiro dado já nos é importante no sentido de que ainda “há os que afirmam que tais assuntos devam ser discutidos no âmbito privado, sendo, portanto responsabilidade apenas das famílias” (SOUZA, 2012, p.122). Constatamos o contrário tendo em vista que apenas dois

---

<sup>2</sup> Em respeito a identidade de cada entrevistado.

respondentes afirmaram que suas famílias abordavam o assunto de maneira aberta. Assim sendo, e a outra parcela? Como eles responderiam as questões a respeito da temática se a escola não trabalhasse com este assunto? Teriam no nosso entendimento de procurar respostas entre seus pares que muitas vezes não foram instruídos ou por outro lado construir suas identidades de gênero e sexualidade a partir das vivências pouco orientadas. A este respeito destacamos o elevado índice de HIV. Podemos dizer que “tudo isto nos fala o importante papel que a escola pode desempenhar na redução da vulnerabilidade ao HIV entre os jovens” (SEFFNER, 2012, p.168). Não queremos cair na armadilha de afirmar que educação sexual serve apenas para falar de gravidez e DST's. Este é apenas um exemplo dentre um universo de possibilidades.

Assim sendo, o dado apresentado nos mostra que a escola é fundamental no processo de formação e construção dos conceitos pelos sujeitos. Dito isto passamos agora para as entrevistas. Quando questionados sobre: o que os respondentes entendiam por gênero e sexualidade? Obtivemos uma diversidade de respostas, contudo antes de apresentá-las, rememoraremos o entendimento aqui adotado por gênero e por sexualidade: Gênero seria então a construção social do masculino e feminino, o papel exercido por eles que se cristaliza em uma identidade historicamente construída como natural. E sexualidade seria o dispositivo de prazer do indivíduo que se, inscreve nos papéis de gênero, nas identidades, nos corpos, nas relações sociais, nos discursos historicamente construídos e nas redes de relações de poder. Ou seja, o exercício e o controle do que o indivíduo pode ou não vivenciar. Estes conceitos foram elaborados a partir do referencial aqui citado desde o princípio.

Assim sendo, acreditamos que estes conceitos são internalizados e vivenciados ao longo da vida dos sujeitos e que sua formulação pelos mesmos não está livre da influência do meio constituído por uma diversidade de instituições que imprimem valores morais, éticos e de conduta para com os sujeitos. Pensar educação de gênero e sexualidade a partir disto, seria então possibilitar aos sujeitos a construção consciente dos conceitos de forma que venham conseguir arguir quanto às imposições feitas pelo meio para a vivência do gênero e da sexualidade, gerando cidadãos que respeitem e valorizem as diferenças.

Entendido o nosso lugar de fala podemos passar para as análises. Por mais que exista um consenso entre os discursos dos respondentes que Gênero e sexualidade são conceitos diferentes, pois nenhum respondente conseguiu defini-los a partir do entendimento aqui proposto. Podemos destacar a respeito do conceito de Gênero o discurso da Respondente1 que diz: “Gênero eu acredito que é a definição de homem e mulher, (...), faz muito sentido pra mim que é uma construção social.” Apesar de não ser uma definição bem estruturada, podemos perceber neste discurso pontos de concordância com o delineamento do conceito que assumimos aqui quando o mesmo se refere a gênero como uma construção.

Ainda sobre a fala do Respondente1 quanto ao sentido de gênero ele relembra que: “(...) teve até a polêmica do ENEM e tal e eu fiquei muito em dúvida nisto por que eu sou evangélica creio em uma coisa, mas a outra coisa faz muito sentido pra mim (...)” quando ela afirma que “a outra coisa faz muito sentido.” Ela se refere ao conceito de Gênero como uma construção social.

Quanto a polêmica envolvida no Exame Nacional do Ensino Médio, citada, faremos uma breve contextualização, o exame deste ano o tema da redação foi “A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira” trazendo para o cenário atual o debate da temática de Gênero. Trabalhar esta temática em uma avaliação que tem ganhado peso na nossa sociedade, pois mostra a importância da sua construção no espaço escolar, no sentido de que se este debate não existir no aluno não estará preparado para tal avaliação. Outro ponto a ser destacado neste discurso é a influência da sua religião. A este respeito trazemos o entendimento de Grespan e Goellener (2011, p. 104) quando afirmam que:

Ao longo da história ocidental, principalmente do século XIX, a sexualidade tornou-se um campo de disputa de discursos religiosos, científicos, médicos e políticos que pretendem defini-la, delimita-la, naturaliza-la. Um campo que envolve formas de poder-saber que, ao mesmo tempo, controlam e incitam.

Ao analisarmos este discurso percebemos, ainda, que o formando teve acesso a uma educação que proporcionasse, de certa maneira, a construção do conceito a partir do ponto de vista aqui trabalhado. Contudo, percebemos a sua angústia ao defini-lo, pois em sua constituição há a presença do discurso religioso que imprime no sujeito outra concepção da temática, assim como abordado pelas autoras Grespan e Goellner (2011). Esse discurso bem como vários outros tem

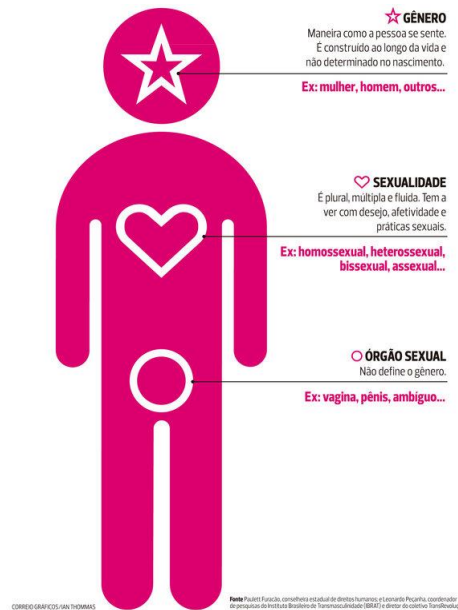
como objetivo não só definir os conceitos, mas também dizer como os sujeitos os vivenciam. Assim sendo, não podemos analisar estes discursos sem levar em consideração tais instituições normatizadoras que fazem parte da sua vida.

Quanto a sexualidade trazemos o discurso de Respondente5 “com relação a sexualidade eu entendo que é como eu me sinto emocionalmente se eu gosto de mulher, se eu gosto de homem, se eu sou homossexual se eu sou heterossexual. Com relação a minha sexualidade o que eu gosto e como eu me sinto diante ao sexo.” Apesar de parecer um pouco confuso o conceito do respondente está de acordo com a forma que o abordamos no decorrer deste trabalho. Contudo, ressaltamos que sexualidade não é exclusivamente um meio de experimentar prazer e afeto, ou ser apenas uma questão de instinto ou ainda de impulsos, genes ou hormônios. Ela é sobretudo uma construção (BARRETO, ARAUJO & PEREIRA 2009).

Podemos encontrar nos discursos dos entrevistados a influencia das características biológicas. A este respeito destacamos duas falas: “Gênero é assim a formação biológica eu sou mulher nasci com os órgãos genitais femininos pra mim isto é gênero.” (Respondente5) “sexualidade seria o fisiológico” (Respondente2). Visto que é muito fácil confundir Gênero, Sexualidade e sexo biológico, faremos uso de uma figura para facilitar a visualização da diferença dos conceitos.

A imagem mostra o conceito de gênero apontado para o cérebro, órgão que simboliza a razão. Ou seja, é a forma como o sujeito se vê, que prevê uma identidade, seja ela masculina ou feminina, e em certos casos uma identidade ambígua que é independente do sexo biológico. Já sexualidade é apontada para o coração que simboliza os sentimentos e as sensações. De outra forma é como o sujeito se sente com relação a si e ao outro tendo em vista que ambos são construídos no decorrer da vida dos indivíduos. Por fim o sexo biológico é a genitália do individuo, o que define se a pessoa é macho ou é fêmea. Portanto, este não define nem gênero nem a sexualidade. Por fim, trazemos o discurso de Respondente5 que apesar de não ter definido os conceitos separadamente explica de uma forma bastante própria: “Pra mim gênero e sexualidade é refletir como as pessoas se relacionam com elas e com o mundo e como elas se sentem pertencentes aquele corpo ou não.”

**Figura 6. Diferenciando Gênero, sexualidade e sexo.**



FONTE: <http://educacaosexualidadeegenero.blogspot.com.br/>

Questionamos como os formandos pretendiam trabalhar as temáticas em sala de aula. A Respondente1 apresenta em seu discurso que “Eu tinha uma aluna que ela se masturbava aos 2 anos de idade”; “Bom quando eu tive a oportunidade de trabalhar com isto foi quando eu tive uma aluna que tinha duas mães.”(Respondente2) e o Respondente5 afirma que “Então eu tenho dois irmãos pequenos uma tem 2 e outro tem 5 anos.” O uso de exemplo nos mostra não só a necessidade de legitimar a fala que se segue mas também que os formandos entrevistados se sentem mais seguro para poder opinar quando a temática e as concepções que se apoiam para apresentar tais argumentos.

Existe um consenso quanto ao se abordar abertamente sobre as temáticas com os alunos, da adequação dos conceitos as faixas etárias e da importância de se seguir as orientações contidas nos documentos. Sobre isto Respondente6 destaca: “Pretendo seguir os documentos, tentar falar disto de uma forma mais neutra e procurar levantar esta questão a partir da realidade das crianças”. Podemos compreender ainda a preocupação de que os discursos estejam de acordo não apenas com a idade, mas também com a realidade das crianças.



Uma dos discursos se sobressai de uma forma preocupante tendo em vista que o Respondente3 afirma que: “pretendo trabalhar com a questão até por que é uma questão da atualidade, que está na sociedade e faz parte do nosso cotidiano pretendo trabalhar de alguma forma ai.” Quando ele apresenta este discurso nos mostra que não enxerga a temática como algo intrínseco ao ser humano e que “pretende trabalhar de alguma forma” demonstra que não tem preparação para lidar com a temática. Então, as questões que surgem são: estes estudantes estão realmente tendo algum embasamento teórico sobre a temática? E se tiver será que isto é suficiente? Elucidaremos isto nas próximas questões.

Outro aspecto extraído dos discursos dos entrevistados é a ideia de que abordar sobre gênero e sexualidade significa tratar de questões referentes a Homossexualidade. Vejamos:

[...] entendo que é um tema super importante de ser abordado dentro da sala de aula por que a criança vai crescer e não que ela vá ser homossexual, mas se for ela pode crescer com duvidas se o tema não for abordado. (Respondente5)

Eu pretendo abordar mesmo que não tenha alunos que possam estar definindo sua sexualidade. (Respondente3)

Bom quando eu tive a oportunidade de trabalhar com isto foi quando eu tive uma aluna que tinha duas mães e ai eu tive que trazer para os alunos os tipos de família né! A família tradicional que é pai, mãe e os filhos e ai fui colocando para os alunos as situações que acontecem e que no caso da colega ela tinha duas mães e ai com essa explicação os alunos puderam ir compreendendo o assunto de uma forma tranquila. (respondente2)

As atividades e crescimento pedagógico devem ser junto com qualquer escolha do modo de vida dos alunos. (Respondente4).

As falas implícitas ou explicitamente trazem a homossexualidade como tema principal, mas parecem equivocadas. Não entendem que a escola está lhes ensinando a viver em sociedade compreendendo e respeitando o outro e a si. Também parece impregnado em seu intimo a ideia de mesmo existindo famílias de duas mães, a família ideal é aquela constituída de pai, mãe e filhos. Desse modo, Grespan e Gollner (2011, p. 105) nos adverte que:

Ao longo da história, podem ser identificados vários discursos e saberes em torno da sexualidade. Um deles é o mais potente, é aquele que representa a heterossexualidade como verdadeira, normal e inevitável. Em outras palavras não precisa ser dita uma vez que seu acontecer está “naturalmente dado.” Em oposição a essa

heterossexualidade temos a homossexualidade representada como patológica e desviante.

Mesmo que sem intenção, a fala dos respondentes está ancorada no pensamento de que contemplar as temáticas durante os processos de ensino e aprendizagem é lidar com questões que envolvam “uma sexualidade não natural”, e o respondente<sup>5</sup> demonstra esta concepção: “não que ela vá ser homossexual, mas se for ela pode crescer com duvidas.” O respondente<sup>3</sup> também sinaliza: “possam estar definindo sua sexualidade” e “desenvolvendo sua sexualidade” ou o respondente<sup>4</sup> quando afirma que trata-se de uma “escolha do modo de vida”. Desse modo, de acordo com Ribeiro, Longaray e Magalhães (2011, p. 71), “a homossexualidade recebe seu caráter de ‘anormalidade’ uma vez que transcende e não obedece, muitas vezes, ao padrão imposto socialmente ao gênero masculino ou feminino”. Ou seja, mesmo que o discurso dos formandos não esteja explicitamente ligado a homossexualidade, encontra-se baseado na heterossexualidade como padrão, natural e normal como dito nas citações. Logo, não há necessidade de se falar deste tema, pois cabe um trabalho voltado para a sexualidade “desviante”. É o a compreensão dos entrevistados.

Continuando a entrevista apresentamos uma situação-problema de um garoto de 14 anos que morreu ao ser espancado devido a sua condição de filho de um casal homossexual. Perguntamos aos formandos quais seriam suas atitudes se soubessem que um aluno estaria sofrendo preconceito quanto a sua orientação sexual ou de algum familiar. Os respondentes em sua totalidade afirmaram que desenvolveriam projetos que envolvessem toda a escola. Alguns apresentaram sugestões de trabalhos direcionados sem contar no entendimento da importância do envolvimento da família na resolução do problema.

Quanto aos projetos citados pelos alunos podemos dizer que uma forma de torná-los possíveis seria fazendo uso de produções culturais: “Vale em especial para aquelas produções culturais que lidam com questões de gênero, sexualidade e corpo, tais como filmes românticos, propagandas de cerveja, revistas de carro, novelas, [...]”. (SEFFENER, FIGLIUZZI. 2011 p.46) Ou seja, articular as produções culturais com o fazer pedagógico com a intenção de trabalhar as questões de modo a aproximar as temáticas e trazer significado para a vida dos estudantes, possibilitando assim a (des)construção de vários preconceitos.

A fala do Respondente<sup>5</sup> traz uma questão delicada: a sua não omissão como profissional mesmo que isto implique em problemas para si e para a escola como podemos constatar: “eu não ia me omitir de modo algum mesmo que isto fosse prejudicial. [...] eu não iria conseguir não tomar uma posição” A este respeito podemos dizer que:

Outras formas de vivenciar a sexualidade estão no cotidiano escolar, e podem atravessar, contestar, resistir à heteronormatividade e se fazer presentes nesse contexto, mas, comumente, essas práticas são agrupadas no rol das situações-problema, discutidas em reuniões pedagógicas, nos serviços de orientação educacional ou num grau maior de caráter de urgência em reuniões a portas fechadas com pais ou responsáveis. (SILVA. 2012, p.127)

Assim sendo, a partir desta perspectiva seria um risco o docente desprezar a diversidade dentro de algumas instituições educacionais como, por exemplo, as escolas confessionais que tem a religião como base para suas práticas. Logo, assumir-se favorável é arriscar-se a se indispor com aqueles dirigentes possibilitando a demissão do profissional.

Outro aspecto a ser analisado nos discursos dos formandos refere-se as metodologias sugeridas por eles encontram-se baseadas em suas vivências escolares como contido no relato do respondente<sup>1</sup> que afirma: “Eu trabalharia estas questões dos projetos no formato de gincana ou [...] projetos que envolvessem toda a escola porque eu participei na minha época de escola e isto abriu minha mente para algumas coisas.” Ao encontrarmos em sua maioria falas que se aproximem a esta, podemos concluir que a formação profissional não constitui-se geradora de possibilidades para a prática pedagógica tendo em vista não haver qualquer referência a isto nos discursos dos respondentes. Sobre isto encontramos em Oliveira (2012, p. 111) uma explicação:

Infelizmente, os cursos de formação de professores não consideram a sexualidade como conteúdo “ensinável”, ou seja, parecem entender que professores e alunos conseguem se desvincilhar das suas sexualidades para irem à escola. Nesse sentido, equivocadamente tratam a educação como se pudesse ser desvinculada da vida real, ou como se os indivíduos nela envolvidos fossem reduzíveis às suas formações cognitivas.

Colocando a formação docente em questão, perguntamos aos respondentes quais as disciplinas, pesquisas ou cursos de extensão que frequentaram que proporcionou a construção/compreensão de conceitos e concepções referentes a

gênero e sexualidade. Dentre os 6 participantes encontramos um deles que não se lembra de ter estudado nada sobre a temática e os outros cinco respondentes destacaram duas disciplinas (Ensino de História Identidade e Cidadania e Gênero e Educação), citadas anteriormente. Contudo, nos questionamos se estas disciplinas são suficientes para a formação do graduando quanto as temáticas. Voltando as análises das questões podemos constatar que não, apesar dos respondentes apresentarem um discurso que, aparentemente, valorize a multiplicidade da diversidade encontrada em nossa sociedade. Entretanto, percebemos que os mesmos cometem alguns enganos com relação a temática.

Dando um mergulho um pouco mais profundo no estudo analisaremos se as bibliografias apresentadas nas ementas das disciplinas supracitadas para compreender a relação do referencial teórico proposto neste trabalho estão em consonância, lembrando que para tal faremos uso da bibliografia disponível no site Matrícula Web, e a este respeito não encontramos nenhum referencial que aborda, claramente, os conceitos de gênero e sexualidade na ementa disponível na disciplina *Ensino de História Identidade e Cidadania*. Na disciplina *Gênero e Sexualidade* encontramos autoras comuns a ambos como Guacira Louro e Daniela Auad nos levando a inferir que os dois assumem o mesmo discurso, que levam em si as mesmas referências para a construção dos conceitos. Porém uma disciplina que trate destas temáticas é suficiente?

Encontramos esta resposta nas falas dos respondentes 1 e 5 quando questionados se estariam aptos a trabalhar com as temáticas propostas em suas práticas pedagógicas. “[...] eu fiz uma matéria, que abordava vários temas e um deles era gênero e sexualidade. Doze horas que eu vi da temática dentro de 4 anos que eu estou na minha formação. Então, é muito defasado isto, não me sinto nada preparada.” (Respondente1) “Assim na minha formação na UnB eu tive uma matéria que no caso foi minha opção, não é obrigatória, dentro da UnB nós ouvimos que devemos abordar este tema na sala de aula, mas de fato não somos formados para tal.” (Respondente5) . Assim sendo como tratado por Oliveira (2012) o silenciar a respeito da temática não garante que o docente não enfrentará situações referentes a elas.

Sobre isto temos os discursos dos respondentes na segunda questão em que usavam os exemplos vivenciados em sala de aula para fundamentar os seus discursos, ou seja, não foi a falta de teorização das questões que evitou que estes formandos passassem por situações-problema que envolvessem a temática, mas a falta desta teorização dificultou, no nosso entendimento, como eles se saíram diante a estes problemas.

Quanto a questão atual, dos seis respondentes um disse que se sentia preparado para lidar com as questões que envolvem as temáticas, outro trouxe que sua formação não proporcionou subsídios suficientes, mas, que sua formação individual contemplasse as temáticas de forma que a ajudaria a se sair bem quando precisasse lidar com estas questões. Os demais respondentes demonstraram não se sentir preparados para trabalhar com as temáticas. Diante disto, desvelamos em seus discursos a importância da formação continuada: “não, acho que vou precisar de algum complemento, vou ter que procurar algum curso que lide com a questão.” (Respondente3) “Não me sinto preparado não e é um assunto que eu vou ter que trabalhar né?! Então vou ter que buscar estudar mais e me aprofundar na temática.” (Respondente6), que seria uma forma de complementar a formação inicial considerando que:

Compreendemos que não se faz educação de qualidade sem uma educação cidadã, uma educação que valorize a diversidade. Reconhecemos, porém que a escola tem uma antiga trajetória normatizadora e homogeneizadora que precisa ser revista. (BARRETO, ARAUJO & PEREIRA, 2009, p.31)

Esta revisão só será possível se os docentes tiverem plena consciência do seu papel dentro deste processo, e já que esta formação inicial não forneceu subsídios nem ferramentas para o trabalho com estas questões. É, portanto, preciso que os profissionais sejam conscientes de sua defasagem e que assumam o papel de responsáveis por sua autoformação e assim valorize a diversidade, como dito em todo o decorrer deste trabalho.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de conclusão de curso tornou possível a formulação do entendimento, das temáticas de gênero e sexualidade dentro da educação. Nossa finalidade sempre foi compreender o sentido de gênero e sexualidade expressos no Projeto Pedagógico do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília e nos discursos dos formandos de 2015.

Tal compreensão foi possível através da fundamentação teórica que viabilizou a análise documental e dos discursos dos formandos, apesar de ter sido operacionalizada com uma amostra dos alunos as análises nos possibilitam uma visão aproximada de como está a formação do docente no curso de Pedagogia e como este graduando vê a mesma.

“Se somos o que somos é porque somos o que fomos.” (MOREIRA, 1933, p.9). A citação nos apresenta a historicidade contida nas identidades dos sujeitos e pode muito bem ser aplicada ao contexto social, considerando que , a sociedade contemporânea só é o que é por causa dos acontecimentos passados que possibilitaram a sua construção. Estes acontecimentos proporcionaram um modelo de identidade de gênero em detrimento a outras, que reiterou em sua construção preconceitos quanto a certos grupos sociais, entre outros.

Entender o caráter histórico expresso nas identidades dos sujeitos, é uma forma de entender silenciamento de certos grupos sociais é entender a relutância de se trabalhar com as temáticas de gênero e sexualidade. Nunca foi pretensão nossa responder todas as questões que envolvem os conceitos. Podemos afirmar, sim, que saio com mais dúvidas do que certezas. Contudo, quanto aos questionamentos que nos propomos a investigar, podemos dizer a partir das análises feitas: O formando de Pedagogia não se sente preparado para trabalhar gênero e sexualidade no ambiente escolar e que o currículo do curso contempla o tema Gênero e Sexualidade em algumas disciplinas do curso. Entretanto, os discursos dos respondentes não vem sendo suficiente para a construção dos conceitos pelos formandos.

Concluindo este estudo levantamos outras indagações: a formação docente que vem sendo oferecida aos nossos graduandos está de acordo com o projeto de sociedade previsto no projeto acadêmico do curso? Que tipo de profissional pretendemos formar? É possível perceber no projeto acadêmico um discurso que vise uma educação transformadora capaz de quebrar paradigmas e de formar cidadãos. O curso está formando futuros profissionais capazes de construir uma nova mentalidade acerca da temática gênero e sexualidade?

Não cabe aqui responder tais indagações tendo em vista que os discursos dos respondentes em nossa pesquisa não dizem respeito a totalidade dos formandos do curso, mas cabe a reflexão quanto a educação que gostaríamos de oferecer que emancipasse o sujeito, que não desqualificasse aqueles que fogem a norma. Uma educação que quebre a norma, quanto aos preconceitos, aos discursos de ódio, a não valorização das diferenças não só ligadas a gênero e sexualidade, mas, a todos aqueles conceitos e sujeitos que foram colocados à margem da sociedade que estamos vivendo. E a educação que realmente estamos oferecendo ao futuro professor/pedagogo e num futuro não muito distante a educação que ofereceremos aos alunos destes formandos.

Encerramos com o discurso de Foucault citado por Seffener e Figliuzzi (2011 p.46) destacando que as “modificações na valorização dos saberes produzem modificações nas hierarquias sociais, e vice-versa. Os regimes do saber tem evidentes conexões com os regimes de poder”. Ou seja, mudar a mentalidade educacional acerca de gênero e sexualidade é possibilitar a mudança da mentalidade social, lutar por uma educação que vise a diversidade e por uma sociedade que respeite os sujeitos, tal qual, eles são.

### **Perspectivas futuras**

Assim como a transição da Educação Básica ao Ensino Superior foi a mim um momento de extrema dificuldade e ansiedade no sentido de abandonar aquilo que me era habitual e seguro, a ansiedade se avolumava em mim receosa deste universo desconhecido que era a graduação. Eu iria dar conta?

Findo este ciclo, ousou lançar-me, novamente, ao desconhecido. Mas agora é preciso, como protagonista, planejar e visualizar o futuro, afinal agora carrego o

título de Pedagoga professora. Quantas possibilidades e quanta urgência de alcançar, pois agora sou realmente adulta. Pretendo então dar continuidade em minha formação por meio do curso de pós-graduação, mestrado e doutorado continuando a investigar “gênero e sexualidade” no âmbito da formação docente.

Vislumbro minha formação continuada, focarei em minha carreira profissional atuando como professora da Secretaria de educação, mas estou aberta ao novo, à todas as possibilidades que a Pedagogia nos oferece, dando ênfase a temática que tenho dedicado em minhas pesquisas.

E como esse é um espaço para se planejar e sonhar gostaria de um dia depois de ter traçado todo o processo da minha educação continuada, e de ter conseguido experiência trabalhando na área, voltar à Universidade de Brasília, neste momento como docente e poder contribuir na formação de outros Pedagogos.



## REFERÊNCIAS

AUAD, Daniela. **Educar meninas e meninos : relações de gênero na escola.** Daniela Auad. – 2. ed. – São Paulo :Contexto, 2011.

BERUTTI, Flávio & MARQUES, Adhemar. **Ensinar e Aprender História.** Belo Horizonte: RHJ, 2009.

CARVALHO, Marília Pinto. **Gênero na sala de aula: a questão do desempenho escolar.** In: CANDAU, Vera Maria., MOREIRA, Antônio Flávio. Multiculturalismo. 4ªed. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

CORSINO, Luciano Nascimento. AUAD, Daniela. **O professor diante das relações de gênero na Educação Física Escolar.** São Paulo: Cortez, 2012.

DANTAS, O. **As relações entre os saberes pedagógicos do formador na formação docente.** 2007.122 f. Tese (Doutorado em Educação) - Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal/RN. 2007.

FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Projeto acadêmico do curso de Pedagogia.** Disponível em: <http://www.fe.unb.br/images/graduacao/PROJETO%20ACADEMICO%20-%20atualizado%20-%20FE%20COM%20ALTERACOES%20ATE%20%2016-12-2010.pdf> > Acesso em: Outubro de 2015.

FONSECA, Thaís Nívia de Lima. **História e Ensino de História.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FRIEDERICHS, Marta. **Corpo, gênero e sexualidade em uma cena de cinema.** IX ANPED SUL, seminário de Pesquisa em Educação da região sul. 2012.

GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA; FORMAÇÃO DE PROFESSORAS/ES EM Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico- Raciais. Livro DE CONTEÚDO. VERSÃO 2009. Rio da Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** - 6. ed. - São Paulo : Atlas, 2008.

GRESPLAN, Carla Lisboa; GOELLNER, Silvana Vilodre: **“Querem na escola transformar seu filho de 6 a 8 anos em homossexual”:** Sexualidade,

**educação e a potência do discurso heteronormativo.** Revista da FAGED, Salvador, n19, p.103-122, jan/jun.2011

KAIL, Robert V. **A criança.** São Paulo: Prentice Hall, 2010.

LOURO, Guacira Lopes: **Chega de saudade.** Revista da FAGED, Salvador, n19, p.11-20, jan/jun.2011.

LOURO, Guacira Lopes: **Gênero, sexualidade e educação, uma perspectiva pós-estruturalista.** - 6. ed. -Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; CÂMARA, Michelle Januário. **Reflexões sobre currículo e identidade: implicações para a prática pedagógica.** In: CANDAU, Vera Maria. MOREIRA, Antônio Flávio. Multiculturalismo. 4ªed. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

MOREIRA, Raul. **Higiene mental da criança.** Conferência lida no Rotary-Club de Porto Alegre pelo rotariano Prof. Raul Moreira. Porto Alegre: Globo, 1933.

OLIVEIRA, Dora Lúcia. **Sexo e saúde na escola: isso não é coisa de médico?.** In: MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann. et al. Saúde, Sexualidade e Gênero na educação de jovens. Porto Alegre: Mediação, 2012.

RIBEIRO, Paula R.C.; LONGARAY, Deise A.; MAGALHÃES, Joanalira C: **A produção dos significados sobre a homossexualidade em diferentes artefatos culturais.** Revista da FAGED, Salvador, n19, p. 61-74, jan/jun.2011.

SILVA, Rosimeri Aquino: **O ponto fora da curva** In: MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann. et al. Saúde, Sexualidade e Gênero na educação de jovens. Porto Alegre: Mediação, 2012.

**SEFFNER, Fernando; FIGLIUZZI, Adriza: Na escola e nas revistas: Reconhecendo pedagogias do gênero, da sexualidade e do corpo.** Revista da FAGED, Salvador, n19, p.45-59, jan/jun.2011.

SEFFNER, Fernando: **Aids & Escola** In: MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann. et al. Saúde, Sexualidade e Gênero na educação de jovens. Porto Alegre: Mediação, 2012.

SOUZA, Jane Felipe: **Sexualidade nos livros infanto- juvenis** In: MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann. et al. Saúde, Sexualidade e Gênero na educação de jovens. Porto Alegre: Mediação, 2012.

ZINET, Caio: **Professor que discutir gênero e sexualidade na escola poderá ser preso.** Disponível em: <http://portal.aprendiz.uol.com.br/2015/11/12/professor-que-discutir-genero-na-escola-podera-ser-preso/>

---

**APÊNDICES:****APÊNDICE A: QUESTIONÁRIO E TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.****Gênero e Sexualidade na Educação**

Universidade de Brasília

Faculdade de Educação (FE)

Departamento de Métodos e Técnicas (MTC)

Curso de Pedagogia

---

**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

Você está sendo convidado para participar da pesquisa "Gênero e sexualidade na educação". Esta investigação faz parte da pesquisa realizada pela cursista de Pedagogia Lara Daiana da Silva Dantas, coordenada pela professora Otília Maria A. N. A. Dantas. O objetivo deste estudo é compreender o sentido de gênero e sexualidade expressos nos discursos dos cursistas de Pedagogia e no Projeto Pedagógico do Curso apontando um cenário de prática pedagógica que contemple a questão de gênero na escola. Sua participação nesta pesquisa consistirá em: coleta de informações por meio de uma entrevista semiestruturada. São perguntas, em sua maioria de caráter subjetivo. Abaixo há a pergunta se aceita participar desta pesquisa, em caso afirmativo, o pesquisado cederá os direitos ao pesquisador para o uso das informações que serão analisadas na pesquisa, bem como as publicações advindas desse processo. A qualquer momento você pode desistir de participar. Para isso apenas nos informar, pois desta forma os dados serão desconsiderados. Sua recusa não trará qualquer prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição. Em qualquer etapa do estudo, você terá acesso aos profissionais responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas. As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação. As informações obtidas serão analisadas em conjunto pelos pesquisadores, não sendo divulgada a identificação de nenhum participante. Para qualquer esclarecimento, seguem os contatos das pesquisadoras:

Otília Dantas - [otiliadantas@unb.br](mailto:otiliadantas@unb.br)

Lara Daiana da Silva Dantas - [laradaiana92@hotmail.com](mailto:laradaiana92@hotmail.com)

- o **Concordo em responder este questionário**
- o **Não concordo em responder este questionário.**

## I – IDENTIFICAÇÃO

1. Nome completo:  
\_\_\_\_\_
  2. Matrícula UnB: \_\_\_\_\_ E-mail:  
\_\_\_\_\_
  3. Endereço residencial:  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
  4. Escola em que cursou o Ensino Médio: \_\_\_\_\_
  5. Sexo: ( ) M ( ) F Idade: \_\_\_\_\_
  6. Conclusão do Ensino Médio \_\_\_\_\_ Ingresso no Ensino superior \_\_\_\_\_
  7. Seus pais moram juntos? ( ) Sim ( ) Não
  8. Se sim, à quanto tempo? ( ) 1 a 5 anos ( ) 6 a 10 anos ( ) mais de 10 anos
  9. Quantos irmãos você tem? ( ) Nenhum ( ) de 1 a 2 ( ) mais de 2
8. Qual a renda familiar de sua família?
- ( ) 1 a 2 SM  
 ( ) 3 a 5 SM  
 ( ) 5 a 8 SM  
 ( ) 10 a 12 SM  
 ( . ) Mais de 13 SM
9. Qual o grau de instrução de seus pais
- Pai \_\_\_\_\_
- Mae \_\_\_\_\_
9. Seus familiares abordam sobre GÊNERO E SEXUALIDADE de modo:
- ( ) Aberto ( ) Velado ( ) Não abordam

## II – SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE

10. O que você sabe dizer a respeito do que seja GÊNERO e SEXUALIDADE?


11. Considerando a complexidade da temática GÊNERO E SEXUALIDADE como futuro(a) professor(a)/pedagogo(a), como você pretende lidar com esta temática na escola?


12. Recentemente foi divulgado nos canais de notícias que um garoto de 14 anos morreu ao ser espancado devido ao fato de ser criado por um casal homossexual. Como professor(a)/pedagogo(a), diretor(a), coordenador(a) de uma escola e, sabendo que alguma criança estava sofrendo preconceito devido a sua condição sexual ou de seu parente quais medidas você tomaria?


13. Quanto ao Curso de Pedagogia que ora realiza quais disciplinas, pesquisa ou extensão você lembra-se de ter feito que tratasse da temática GÊNERO E SEXUALIDADE?


14. Depois destes questionamentos e refletindo sobre sua formação, você se sente preparado para trabalhar com as temáticas e situações que envolvem as questões de GÊNERO E SEXUALIDADE?


## Anexos:

## Anexo A: Lista de Prováveis Formandos

Universidade de Brasília  
Secretaria de Administração Acadêmica  
Listagem de Prováveis Formandos

Página: 1 de 3  
Emissão: 17/11/2015 18:09

<b>Período</b>	: 2015/2	
<b>Orgão</b>	: FE	Faculdade de Educação
<b>Curso</b>	: 60	Pedagogia
<b>Opções</b>	: 9229	Pedagogia
<b>Matricula</b>		<b>Nome</b>
08/40874		Simone Borges Nascimento
09/0011899		Paula de Sousa Lima
09/0044266		Vanessa Camilo Machado
09/0132351		Sergio de Melo Moreira
09/0141768		Iara Tavares da Silva
09/45986		Maria Gabriela da Silveira Guimarães
10/0013007		Isabela Figueiredo de Oliveira Gomes
10/0017665		Marysa Santos de Abreu
10/0019528		Priscilla Teixeira Rios
10/0019919		Raquel Caetano Bonatto
10/0032605		Joyce Lopes Porto
10/0033482		Lays Caroline Silva
10/0038484		Priscila Lauane Guimaraes
10/0040128		Sâmyla Barbosa Barrozo
10/0057578		Juliana Moura Soares
10/0057586		Gabriela Oliveira de Freitas
10/0106889		Jessica Oliveira Bastos
10/0111572		Luana Melo Araújo
10/0115462		Marina Oliveira Costa
10/0126260		Veronica Carvalho de Brito
10/0127312		Vivianne Macedo de Jesus
10/0127801		Yara Rodrigues Carvalho dos Santos
11/0012968		Hellen Vilela Ferreira
11/0015371		Lilian Santos Rocha
11/0024044		Ana Carolina Torres Amorim de Freitas
11/0025601		Bianca Alves Batista
11/0038410		Paulo Inacio de Araujo Coelho
11/0062736		Laryssa Maciel Sousa
11/0064828		Nayara Gomes Lima
11/0077466		Josiane Priscilla de Oliveira Cabral Lapa
11/0112881		Clara Vieira da Silveira
11/0118952		Gabriele Miranda Bastos
11/0121431		Iara Farias Barreto de Sousa
11/0122313		Isabella Ferreira Pacifico
11/0126351		Katielen Livia Moreira de Abreu Inatomi Nucci
11/0127901		Leticia Nunes Vieira
11/0129628		Luciana Rocha de Almeida
11/0133463		Mikaela Fonseca da Rocha
11/0137825		Raquel Sampaio Reis
11/0141725		Thamara Cordeiro de Queiroz Nunes Nogueira Silva
11/0142616		Vanessa Miranda Amorim
11/0146735		Ana Lúcia Ferreira Ribeiro
11/0152352		Thalita Monteiro da Silva
11/0161645		Stephanie Zeitone Florencio
12/0005972		Alexandra Rodrigues de Sousa Silva
12/0006286		Amanda Cavalcante Soares
12/0007614		Ariadina dos Santos de Souza
12/0015862		Leilane Oliveira da Silva
12/0022192		Sarah Damas Soares
12/0025451		Amanda Coelho da Silva
12/0026911		Barbara Leitao de Carvalho
12/0031221		Gabriella Carvalho da Silva
12/0033151		Jessica de Freitas Medeiros

**Universidade de Brasília**  
**Secretaria de Administração Acadêmica**  
**Listagem de Prováveis Formandos**

**Página: 2 de 3**  
**Emissão: 17/11/2015 18:09**

12/0041651	Sabrina Laisse Ferreira da Silva
12/0041944	Sofia Ferreira Alves Fiore
12/0042703	Thaline Rodrigues de Oliveira
12/0066874	Cecille Gabrielle Dias de Oliveira Santos
12/0068877	Layla Ribeiro da Cunha
12/0155907	Anny Leite de Jesus
13/0061913	Thais dos Santos Terra
13/0133612	Sarah Marinho de Sousa Simplicio
<b>Total de Alunos:</b>	<b>61</b>

Universidade de Brasília  
 Secretaria de Administração Acadêmica  
 Listagem de Prováveis Formandos

Página: 1 de 2  
 Emissão: 17/11/2015 18:28

Período	:	2015/2	
Orgão	:	FE	Faculdade de Educação
Curso	:	787	Pedagogia
Opções	:	9245	Pedagogia
		<b>Matricula</b>	<b>Nome</b>
		09/0023153	Danielle Amaral Lemos
		09/0130995	Ricardo Ferreira de Sousa
		09/0141067	Fernando Gianelli Constandio
		09/11054	Jonatas Moreira Teixeira
		10/0007252	Ana Paula Queiroz de Vasconcelos
		10/0009271	Christiane da Cunha Silva
		10/0031234	Isaac Mendes Pereira
		10/0040314	Silvana da Silva Sousa
		10/0097006	Cleicy Helin Costa Adiodato
		10/0130097	Jonatas Cocentino de Oliveira
		10/08731	Wesley Santos Silva
		11/0009363	Bruna Farias Cortez
		11/0031709	Janayna Luiza Sales Queiroz
		11/0033710	Lara Daiana da Silva Dantas
		11/0035135	Luciana de Jesus Brito
		11/0036174	Maria Elizabete de Oliveira Pinheiro Klava
		11/0058470	Anne Caroline Silva Martins
		11/0060482	Fernanda Leite Alkimim
		11/0066081	Samara Surhama Alencar Barbosa
		11/0066499	Tayane Vieira Tavares de Sousa
		11/0109791	Barbara Brennda Marques da Rocha
		11/0116186	Evely Gomes Rodrigues
		11/0117981	Francisco de Assis Oliveira Lima
		11/0123425	Jessica Alves Cavalcanti
		11/0132246	Marília Nascimento Serrão de Carvalho
		11/0138376	Renata Farias Cortez
		11/0149319	Jessica Pereira Gomes
		11/0150678	Maria Luisa Rodrigues Amaral
		12/0023121	Thays Vieira Nascimento
		12/0068168	Isabella de Sousa
		12/0114569	Daniela Barros Pontes e Silva
		12/0130386	Michelle Costa Gossling Valerio
		13/0069493	Edicarlos Alvino da Silva
		14/0178031	Alex Cleberson Andrade Neves
		<b>Total de Alunos:</b>	<b>34</b>